

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

TERÇA-FEIRA
18 DE JANEIRO DE 2005
GRATUITO
ANO XIV
EDIÇÃO Nº125

“PRETENDEMOS TRAZER UMA NOVA MENTALIDADE E UMA NOVA ATITUDE PARA A ACADEMIA”

Entrevista a Fernando Gonçalves

A uma semana da cerimónia da tomada de posse como presidente da Associação Académica de Coimbra, Fernando Gonçalves revela algumas das ideias que vão orientar o seu mandato. Uma das apostas vai para a informação e mobilização dos estudantes. Por outro lado, o novo homem forte da AAC quer também fazer uma

gestão “mais rigorosa e transparente” das contas da associação académica. Apesar de já estarem agendadas iniciativas para este mês, o estudante sublinha a necessidade de a academia passar por um período de reflexão para redefinir internamente os seus objectivos.

PÁGS. 2 E 3



Reportagem

O novo humor falado em português

De Bruno Nogueira, ao quarteto do “Gato Fedorento”, passando pelos bastidores do “Inimigo Público” e do “Contra-Informação”, A CABRA falou com os humoristas que marcam o panorama nacional da comédia. Um texto sério sobre quem faz rir Portugal.

PÁG. 12 E 13

TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE EM RISCO DE PRIVATIZAÇÃO

Principal sala de espectáculos de Coimbra tem futuro incerto.
Decisões do próximo Governo sobre o financiamento da cultura vão ser determinantes

Duas semanas após a demissão de João Maria André, a solução para os problemas do Teatro Académico de Gil Vicente continua a não existir. Entre a privatização do teatro ou a mudança de uma lei que impe-

de o financiamento de instituições culturais públicas, o desenlace só deve ser encontrado depois das eleições legislativas de 20 de Fevereiro.

PÁG.17

Cadeados

Investigação do Centro de Estudos Sociais mostra que o uso de cadeados é cada vez mais frequentes nas acções de protesto. PÁG.7

Académica/OAF

Nelo Vingada admite que a situação do clube é difícil, mas mostra-se confiante num bom desempenho da equipa. PÁG.16

Entrevista

Por ocasião de Sessões de Inverno, no TAGV, Adolfo Luxúria Canibal fala de “Nus”, o último álbum dos Mão Morta. PÁG.19

SUMÁRIO

Destaque	2	Tema	12
Opinião	4	Desporto	14
Ensino Superior	6	Cultura	17
Cidade	8	Artes Feitas	20
Nacional	9	Estórias	22
Internacional	10	Vinte&três	23
Ciência	11		

File Edit View Go Bookmarks Tools Help

http://www.acabra.net

Não sabes o que se passa à tua volta? Há duas soluções:

- 1) Compra uns óculos
- 2) Lê ACABRA.NET

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

“É muito importante a academia de Coimbra reencontrar-se consigo mesma”

Novo líder da associação académica defende período de reflexão para definir objectivos

A pouco menos de uma semana de tomar posse como presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Fernando Gonçalves apresenta as principais estratégias a adoptar no comando da academia e na abordagem do ensino superior em Portugal

Margarida Matos
Filipa Oliveira

O novo rosto da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Fernando Gonçalves, afirma ser contra invasões e encerramentos a cadeia devendo somente utilizar-se estas estratégias, em último caso. No entender do estudante de Direito, a prioridade, para já, vai centrar-se na informação e mobilização dos estudantes através da presença nas faculdades.

Quais são as grandes apostas e expectativas que tens para este novo mandato? Em que é que pretendem marcar a diferença na AAC?

Pretendemos sobretudo trazer uma nova mentalidade e uma nova atitude para a Associação Académica de Coimbra. É fundamental estar próximo dos nossos colegas, tentar aumentar a sua participação e mobilização através de uma consciencialização diária. Outra prioridade é tentar captar a sociedade civil para a causa dos estudantes, fazendo passar uma mensagem de que a luta dos estudantes não é só uma batalha nossa mas de todos os cidadãos. Queremos estar na cidade de Coimbra a passar essa mensagem e a ouvir os nossos familiares, os nossos amigos, os nossos vizinhos, a perceber o que é que eles pensam dos interesses dos estudantes. E isto porque é necessário passar a ideia de que ao estar próximo da sociedade civil a luta dos estudantes não é apenas de meia dúzia de dirigentes associativos. Vamos também apostar claramente numa gestão da DG/AAC mais rigorosa e mais transparente ao nível financeiro.

Mas como pretendes chegar mais próximo dos estudantes? As anteriores direcções-gerais já o tentaram...

Em primeiro lugar, quero que a direcção-geral saia do edifício da AAC e esteja nas faculdades. Toda a minha equipa e eu vamos estar nas faculdades, vamos estar nas cantinas, nas residências, a explicar o porquê da causa, o porquê da luta, a recolher informações. Consideramos muito importante chamar mais estudantes à AAC, levá-los a participar nas actividades



Fernando Gonçalves pretende levar a cabo uma gestão financeira mais rigorosa e transparente na academia

culturais e desportivas e, deste modo, envolver mais estudantes no movimento associativo. Logo no início do mandato vamos avançar com uma campanha ao nível da política educativa que vai ser centrada em torno do caderno reivindicativo, no qual apresentaremos as grandes bandeiras da AAC para o ensino superior em Portugal. Vamos procurar abranger todas as áreas que hoje dizem respeito aos estudantes e que cada vez mais nos

“Vamos fazer um trabalho constante de investigação, para que não se lute por lutar”

Mas concretamente como é que esse trabalho de informação e mobilização vai ser feito?

Pretendemos analisar dados estatísticos, estabelecer comparações com outros países europeus e com as outras universidades do país de forma a tentar aprender quais foram as apostas estratégicas dos outros países durante determi-

nados anos. É necessário perceber que a aposta no ensino superior é uma aposta que tem resultado noutros países e que tem melhorado a produtividade, a competitividade entre países e tem favorecido os seus jovens, o seu emprego, a sua qualificação. Além de que é muito importante a luta institucional, pois nunca poderemos deixar de manifestar a posição da AAC. Penso que devemos dialogar com os intervenientes e defender intransi-

gentemente os nossos interesses e também sustentar todo o trabalho de gabinete ao nível da pesquisa e da investigação com a luta de rua.

É inegável que a academia já teve outrora grande capacidade de mobilização. Estou a falar nomeadamente de Assembleias Magnas. É fundamental conseguirmos aumentar a participação de estudantes, aumentar a nossa voz, quer na cidade de Coimbra, quer a nível nacional. E isto porque a voz dos estudantes tem que ser ouvida, respeitada e tem que se fazer escutar cada vez mais alto.

Falaste também de uma gestão mais transparente. O que pensas ser necessário fazer para conseguir isso?

Quero que os estudantes tenham consciência da real situação económica da AAC. Acho que é muito importante apostar numa política mais rigorosa na redução das despesas da própria direcção-geral e também tentar novas formas de financiamento. Parece-me que, se os estudantes souberem, com alguma periodicidade, como é que a academia está a ser gerida, isso só vai contribuir para aumentar a credibilidade da direcção-geral e de todos os estudantes que estão nesta universidade.

Após a tomada de posse vamos tentar perceber os dossiês, para nos inteirarmos da realidade económica da AAC, algo que já temos vindo a fazer. E a partir desse momento, a minha equipa vai tentar fazer todos os esforços para conseguir melhorar o actual panorama. Porque neste momento não temos uma noção exacta da situação económica da AAC.

Informação “simples e apelativa”

Já por várias vezes disseste que querias tornar a AAC numa “academia de causas”. O que en-

tendes concretamente por uma academia de causas? E como é que pretendes fazer isso?

Penso que é muito importante que os estudantes, para além da luta pelo ensino superior, para além de uma luta por uma melhor preparação para o seu futuro emprego, não estejam aqui apenas para tirar um curso. Coimbra nunca foi uma mera escola de saberes técnicos, foi sempre também uma escola onde as pessoas se formaram enquanto Homens. Porque no futuro os estudantes vão ser parte integrante do mundo em constante evolução, um mundo cada vez mais egoísta, cada vez mais orientado para uma lógica meramente financeira e económica e cada vez menos pelos valores que a academia nos ensinou. Aquilo que nós queremos é que os estudantes participem em grandes acções de solidariedade. Para isso é necessário estabelecer contactos com várias entidades da cidade – a câmara municipal, outras associações de estudantes, outras associações que tenham objectivos altruístas. Pretendemos realizar uma feira de solidariedade com várias organizações para a dar a conhecer à cidade, para que os estudantes também conheçam as várias organizações e possam participar e desenvolver mais actividades de vo-

luntariado. No final, essas receitas vão reverter a favor de instituições de solidariedade.

Quais são as formas de luta que vão adoptar?

Em primeiro lugar é importante informar. A informação por parte da direcção-geral vai ser muito mais simples e muito mais apelativa. Logo, no início do mandato, vamos apresentar toda uma nova linha gráfica e dos conteúdos da informação da direcção-geral que já está definida e preparada. É muito importante informação e uma permanência nas faculdades. Se queremos lutar, temos que fazer com que os estudantes estejam mobilizados. Para que a luta não seja de quatro ou cinco mas de muitos mais. Se for uma luta de poucas pessoas, obviamente que a força da nossa reivindicação, a legitimidade será bem menor. Por isso, o primeiro passo será a informação e mobilização.

Mas qual a tua perspectiva face a invasões e encerramentos a cadeado. Qual é a posição da tua equipa?

Por princípio, discordamos das invasões e dos encerramentos a cadeado. Contudo, em algumas situações o recurso a invasões e a encerramentos a cadeado foi o último recurso e como tal só devem ser utilizados mesmo no caso de não haver outra solução. Na perspectiva do nosso projecto, aquilo que pretendemos fazer durante o mandato, é informar, unir e mobilizar os estudantes em torno do que são os interesses desta academia.

Como é que qualificas actualmente as formas de luta?

Tudo deve ser analisado face a um conjunto muito grande de circunstâncias. Assim, a direcção-geral e a academia devem analisar quais as formas de luta que devem assumir em cada momento. Prefiro privilegiar muito mais esta tentativa de formas de luta que consigam congrega mais e unir mais os estudantes do que outras lutas que nos possam dividir. Acho que é muito importante a academia de Coimbra reencontrar-se consigo mesma. A AAC deve ganhar algum tempo até para redefinir ao nível interno aquilo que pretende. Acho que se alinharmos muito mais no âmbito

da discussão, no âmbito da análise e da participação, a academia, neste momento específico, tem muito mais a ganhar. Agora, é óbvio que isso vai depender da conjuntura ao nível interno e ao nível externo e, principalmente, da vontade dos estudantes.

Como perspectivas as futuras relações com a reitoria? Continuas a defender a demissão do reitor Seabra Santos?

Continuo a defender a demissão do reitor da Universidade de Coimbra. A demissão de um reitor que durante o período eleitoral apresentou muitas propostas e depois não as cumpriu. Um reitor que era contra o aumento das propinas e que depois acabou por fi-

zar a propina máxima. Um reitor que se afirmou como reitor dos estudantes e acabou por chamar a polícia. Também defendo uma questão de princípio que é a tentativa de promover a unidade entre os estudantes, docentes e funcionários da UC. Mas, com o actual reitor da universidade, não vai ser possível estabelecer a unidade entre os três órgãos que compõem a instituição. Além disso, há deliberações de Assembleia Magna a estabelecer que não há diálogo com o reitor da UC que têm de ser cumprida e eu reitero-as.

“Novas pessoas e novas mentalidades”

Como vês o movimento associativo a nível nacional?

Neste período houve eleições em grandes associações de estudantes, daí que existam novas direcções. Assim, logo que tomarmos posse vamos entrar em contacto com todas as associações. Com novas pessoas e novas mentalidades poderemos incutir um novo espírito no movimento associativo a nível nacional. Acima de tudo, procurarei promover a unidade do movimento estudantil em torno de causas e valores que devem ser projectados não só para o ensino superior mas também na sociedade. Deste modo, a AAC vai procurar através de todos os meios conseguir unir os estudantes em torno de causas comuns. Mas nunca deixarei que os estudantes da UC sejam manipulados em função de interesses e jogos menos claros em que a defesa dos estudantes seja posta em causa. Assim, defendemos a unidade do movimento sempre que isso não contrarie as nossas convicções.

Entretanto, as directrizes de Bolonha já começam a ser aplicadas no país e na própria UC. Como é que vês este processo e o que é que ainda se pode fazer pelos estudantes?

No caderno reivindicativo temos um ponto muito específico, denominado internacionalização, onde vamos apresentar as nossas ideias.

Nós pretendemos, apesar de muitas das linhas ainda não estarem definidas, discutir essa questão. Queremos apresentar algumas orientações sobre a aplicação de Bolonha aos diferentes cursos, às diferentes uni-

versidades, mesmo comparando exemplos fracassados noutras universidades ou noutros cursos, quer a nível nacional ou a nível internacional.

Vamos apresentar essas linhas desde logo nas comemorações do 10º aniversário do Fórum Mundial da Juventude, que vão ser realizadas em Coimbra. Este evento, que decorre entre 31 de Janeiro e 4 de Fevereiro, vai contar com a presença de grandes entidades a nível nacional e internacional e é claro que vamos aproveitar esta ocasião para marcar a posição da AAC.

A nível interno vamos realizar uma campanha sobre o Processo de Bolonha e pretendemos ainda este ano lectivo ter em Coimbra várias personalidades da área a



O novo presidente da direcção-geral deseja unir o movimento associativo estudantil em torno de uma causa comum

discutir verdadeiramente Bolonha. Vamos ver quais as implicações económicas, sociais culturais que Bolonha já trouxe, que poderá trazer ou que ainda poderemos evitar. Porque quero acreditar que os estudantes ainda têm uma palavra a dizer nesta matéria, daí que assim que entremos em funções este assunto vai ser discutido com os presidentes dos Conselhos Directivos, Conselhos Pedagógicos e Conselhos Científicos das várias faculdades da UC.

Como é que vês a possibilidade de um cancelamento da Queima das fitas já colocada em várias Assembleias Magnas neste ano lectivo?

Discordo totalmente dessa posição, porque os estudantes devem procurar formas de luta, mobilização e não simplesmente medidas que possam levar à divisão da comunidade estudantil. A Queima das Fitas é uma festa académica que marca muito da vida dos estudantes mas acho que devemos uti-

lizar esta ocasião como veículo de informação. Não vejo qual a reivindicação ou alteração legislativa que iríamos conseguir com o cancelamento da Queima das Fitas mas vejo que iríamos separar os estudantes. Devemos utilizar a Queima das fitas para passar mensagens de informação de mobilização, uma vez que a Queima desperta a atenção não só dos estudantes, mas de Coimbra e de todo o país. E isto porque a Queima das Fitas é muito mais de uma festa com objectivos meramente lucrativos.

Mas os defensores do cancelamento das festas académicas alegam que seria uma forma de credibilizar a luta dos estudantes. Que te parece?

Acho que há várias formas de credibilizar a luta. Se todos os estudantes estiverem informados, unidos e fizerem ouvir a sua voz na Assembleia Magna, enquanto órgão de discussão do ensino su-

perior, esta é também uma forma de credibilizar a luta estudantil. Cancelar a Queima das Fitas só por cancelar não é uma forma de credibilização, mas sim de divisão entre os estudantes.

Estando o trabalho da equipa de Miguel Duarte a chegar ao fim, que balanço fazes do trabalho desenvolvido ao longo de um ano?

No trabalho da equipa de Miguel Duarte temos que distinguir duas fases distintas: uma primeira, em que se procurou passar um novo discurso para a comunicação social e captar a sociedade civil para a causa estudantil, através do enquadramento do ensino superior enquanto luta por um Portugal de progresso; e uma segunda fase centrada em reivindicações internas na academia de Coimbra que viveu momentos de grande turbulência. Nesta fase, muitos outros assuntos ficaram por resolver e que a minha equipa vai tentar resolver. Assim, gostei sobretudo da viragem de discurso político, da perspectiva do ensino superior enquanto factor de progresso e da comparação da realidade portuguesa no plano da educação com outros países da Europa.

EDITORIAL

TAGV, Lda

“Se a lei actual não for alterada, cada organismo cultural com o carácter do TAGV vai ter de criar um ‘fundaçãozinha’ ou uma ‘sociedadezinha’ para se poder governar”

O grito de alerta lançado por João Maria André com o seu pedido de demissão de director do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) veio chamar a atenção para vários aspectos que vão mal na cultura da cidade de Coimbra e no país.

Ao nível local, já eram conhecidas as dificuldades financeiras da câmara e também já se muito se falava do esforço que a autarquia ia ter de fazer nos próximos anos para conseguir honrar todos os compromissos. Mas, o que não se sabia

era que a edilidade ainda não tinha pago ao TAGV verbas referentes a Março de 2004, como as do “Coimbra em Blues”. Depois da tomada de posição do ex-director do TAGV, Carlos Encarnação apressou-se a dizer que até final de Janeiro tudo estará pago. Acredita-se que sim, mas foi preciso uma medida drástica (e oportuna) para a câmara se mexer. Senão, o que continuava a vir a público eram mais uma vez as gargalhadas inóspitas de Mário Nunes.

Já ao nível nacional a situação é mais complexa. Ficou a saber-se que o Ministério da Cultura tinha aprovado uma lei absolutamente estapafúrdia que impede as instituições de matriz exclusivamente pública de se candidatarem às verbas provenientes do Instituto das Artes (IA) através dos designados planos plurianuais. Por outras palavras, o TAGV vê-se privado, em 2005, de uma verba condigna para a sua programação. O Teatro Viriato, em Viseu, vai receber do IA cerca de 760 mil euros porque é gerido por uma empresa de direito privada. O TAGV, propriedade da Universidade de Coimbra, tem previsto auferir 76 mil euros, ou seja, dez por cento do montante da instituição viseense. Dinheiro este que foi anunciado no passado dia 10 de Janeiro pela Delegada Regional do Centro do Ministério da Cultura, que disse, na altura, que a direcção demissionária do TAGV sabia que ia receber o montante desde Novembro de 2004. Notícia que tanto João Maria André, como Francisco Paz (ex-director-adjunto e actual director-interino) se apressaram a desmentir. Tendo em conta que as duas versões se contradiziam, a quem dar razão?

Não se sabe, mas permita-se a conjectura: porque que é que só agora o Ministério da Cultura vem a público falar nestes 76 mil euros? Apenas porque se esqueceu ou para tentar remendar uma situação “feia” em período pré-eleitoral?

A dedução é mais do que óbvia, mas cada um interprete como quiser. Uma coisa, no entanto, é certa: se a lei actual não for alterada, cada organismo cultural com o carácter do TAGV vai ter de criar um ‘fundaçãozinha’ ou uma ‘sociedadezinha’ para se poder governar, porque o Ministério da Cultura gosta mais das instituições privadas.

O reitor da UC e Francisco Paz dizem aguardar pelas eleições legislativas para se poder discutir com pés e cabeça a situação do teatro. E assim se caminha, até 20 de Fevereiro, na esperança que um futuro executivo Sócrates se disponha a dialogar. Até lá, bem à portuguesa, espera-se que o PS vença as eleições. Senão, Seabra Santos lá vai ter que decidir de uma vez por todas o que fazer com a maior sala de espectáculos de Coimbra. E, neste caso, se o seu seguidismo continuar, já sabemos o que nos espera: um TAGV, Lda. *João Vasco*

O serviço público é um pecado?

Abílio Hernandez Cardoso *

Há décadas que o Teatro Académico de Gil Vicente presta a Coimbra e ao país um relevante serviço no domínio da cultura e das artes. Trata-se de uma evidência que todos bem conhecemos. Sede da Capital Nacional do Teatro ou palco privilegiado da Capital Nacional da Cultura, o TAGV tem sido, quase sempre, a única sala de espectáculos digna desse nome, em Coimbra. Cidade, recorde-se, que permitiu a transformação do Teatro Avenida em mediocre centro comercial e deixou que o Sousa Bastos caísse de podre.

Seria pois normal que o TAGV fosse apoiado, tanto pelo Governo como pela cidade, em particular a Câmara Municipal. Durante anos, tal não sucedeu e a Universidade foi suportando, na totalidade, os custos da actividade do Teatro. Em 1999, porém, o TAGV passou a contar com o patrocínio do Ministério da Cultura, através da concessão do estatuto de estrutura convencionada pelo Ministro Manuel Maria Carrilho, em reconhecimento do serviço público prestado. No relatório de actividades desse ano, a direcção do TAGV escrevia: “Espera-se que o exemplo do Ministério da Cultura sensibilize outras entidades, públicas e privadas, em especial aquelas que, na cidade de Coimbra, deveriam assumir em pleno as responsabilidades que lhes cabem no apoio à cultura e às artes”.

A expectativa cumpriu-se apenas em parte. A partir de 2000, a Câmara Municipal passou a conceder apoio financeiro, na sequência do protocolo então firmado, mas da parte de entidades privadas a resposta foi decepcionante, com excepção de uma instituição bancária que concedeu um patrocínio durante uma época. Passaram os anos, o TAGV continua a servir a cidade e que nos traz 2005? Uma situação de indiferença e desamparo que conduziu à demissão da direcção do teatro.

A Câmara Municipal esqueceu-se, durante meses, do protocolo que assinara. Não só adiou o pagamento da contribuição de 60.000 euros a que se obrigara, como, sem consultar o teatro, excluiu do orçamento de 2005 a verba respeitante às despesas de um dos eventos incluídos no protocolo a pedido da própria Câmara. É verdade que a Câmara emendou a mão, embora com atraso. Sabe-se que as Câmaras têm dificuldades financeiras (embora sempre encontrem verbas suficientes para financiar estádios de futebol e contratar assessores). Sabe-se também que copiam do Estado um dos seus piores traços: cumprem as obrigações financeiras tarde e a más horas. Mas numa cidade em que Universidade e Câmara têm, nos últimos anos, demonstrado crescente capacidade de cooperação, é difícil entender sinais que, objectivamente, denunciam insensibilidade ou menor apreço relativamente à estrutura que melhor personaliza a ideia de serviço público no domínio da cultura.

Quanto ao Governo, a situação é mais grave. Primeiro, extingue o estatuto de estrutura convencionada e retira o apoio que o TAGV recebia desde 1999. Razão aduzida: por ser uma instituição pública e as normas do Governo não o permitirem, o TAGV perde o direito que conquistara. O Governo informa ainda o director do Teatro que tal apoio poderá ser recuperado se o TAGV entregar a sua gestão a uma entidade privada. Pela mesmíssima lógica, o Governo poderá vir a sugerir à Biblioteca Geral, ao Arquivo ou ao Jardim Botânico (estruturas que são também parte integrante da Universidade e possuem a mesma dignidade estatutária) que se associem a uma empresa privada a fim de terem direito a apoio do Estado. Parece mentira mas não é. Seria anedótico se não fosse

grave.

Também o Governo decidiu emendar a mão, tarde e de forma pouco clara. “Perante notícias vindas a público referentes à demissão do Director do Teatro Académico de Gil Vicente”, o Ministério da Cultura confirma na sua página web que “as normas actualmente em vigor não permitem que o TAGV concorra ao Programa de Apoio às Artes do Espectáculo para 2005 (...) por se tratar de uma pessoa colectiva de direito público”. Mas acrescenta que, “tendo em conta que o TAGV é uma instituição pública com relevantes serviços prestados à cidade de Coimbra e ao País, (...) concedeu (...) por despacho de 22 de Novembro último, o apoio solicitado para 2005, no valor de 76.316 euros.”

Ponhamos de lado a questão da data do despacho e da sua comunicação à Universidade e ao TAGV (tanto o reitor como a direcção demissionária foram muito claros ao afirmarem que desconheciam em absoluto a existência de tal despacho antes da sua divulgação na página web). Aceitemos que a Senhora Ministra procurou corrigir o erro e produziu o despacho em Novembro. Restam ainda duas questões:

Em primeiro lugar, como explicar a incompetência dos serviços que não informaram a universidade e o TAGV da solução encontrada? Como explicar que só em Janeiro, depois da demissão do director tenha surgido a referência pública ao despacho, dando a ideia de se ter procurado uma solução à pressa, agora e não em Novembro, e pondo assim a ministra em cheque?

Em segundo lugar, se o ministério faz um juízo positivo da actividade do TAGV (“instituição pública com relevantes serviços”), por que razão persiste na manutenção de normas que discriminam esta entidade? Não será muito mais justo alterar uma má norma e substituí-la por outra que recompense, em vez de prejudicar, entidades que desenvolvem acção de relevo? Ou será que a questão é ainda mais grave e a cultura continua a ser menosprezada, recebendo as migalhas que eventualmente sobrem de uma injusta distribuição da riqueza e merecendo apoio sério apenas quando um Governo pensa que ela pode ser instrumentalizada? As notícias deste fim-de-semana são preocupantes. Basta mencionar três, publicadas no “Expresso” e referentes a instituições ao Estado:

O CCB sofre um corte de 3,8 milhões de euros no seu orçamento para 2005.

O director do Teatro Nacional D. Maria afirma: “Precisamos de um orçamento maior para não continuarmos a apresentar só o espectáculozinho no palco, que não é só o que uma casa destas pode dar à cidade”.

Quanto ao Teatro Nacional de S. João, “não está em condições de cumprir nenhum dos pontos da sua lei orgânica com as restrições que lhe estão a ser impostas pelo Ministério da Cultura, o orçamento destinado ao TNSJ não tem vindo a ser cumprido, o fim do mandato da actual direcção do teatro, em Outubro deste ano, implicará a automática suspensão da adesão à União dos Teatros da Europa e, em condições normais, já devia ser conhecida a nova equipa responsável.”

Comparado com os orçamentos destas estruturas, o do TAGV é uma gota de água. Mas torna-se inaceitável o silêncio perante as decisões do Governo em matéria cultural e a incapacidade de Coimbra em cuidar dos seus próprios bens.

* professor na faculdade de Letras, ex-presidente da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 e ex-director do Teatro Académico de Gil Vicente

RUI VELINDRO



Via Latina



Espaços Lusófonos

Com a colaboração de Maria Burstoff Silva
Manuel Vieira, Pedro Portugal, Carlos Reis
Joaquim Pires Valentim, Amadeu Carvalho Homem
Fernando Ka, Vítor Ramalho, Francisco Ribeiro Teles
Otília Mendes, Isabel Ferin, Maria Teresa Carvalho

6 ENSINO SUPERIOR

FRANCISCA MOREIRA



Polo da Saúde vai acolher alunos de Farmácia dentro de dois anos lectivos

Nova faculdade de Farmácia pronta para ano lectivo de 2007/2008

Obras estarão concluídas já em 2006, mas edifício só abre as portas um ano depois

Estudantes de Farmácia vão poder contar, no ano lectivo de 2007/2008, com novas instalações. O estabelecimento, a construir no Pólo III, representa um investimento de cerca de oito milhões de euros

Liliana Figueira
Soraia Ramos

O novo edifício da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra (UC), a construir no Pólo III, o pólo das Ciências da Saúde, com custo previsto para oito milhões de euros, deve estar concluído e pronto a receber os alunos no ano lectivo de 2007/2008.

Consignada à empresa Sá Machado & Filhos, a obra vai ocupar uma área bruta de 13 mil metros quadrados e vai ser a primeira das faculdades a instalar-se de forma

definitiva no Pólo das Ciências da Saúde. Para o reitor da Universidade de Coimbra, Fernando Seabra Santos, “a Faculdade de Farmácia atravessa o momento mais importante nesta fase de renovação do seu património físico”.

Desde o início do programa de elaboração do plano de pormenor do Pólo III, em 1998, que as infra-estruturas da nova faculdade de Farmácia foram definidas não só para abranger a área de ensino das Ciências Farmacêuticas como, também, a de investigação. Contudo, somente depois de refutadas todas as dúvidas acerca do local para as futuras instalações – se no Pólo II ou no III – é que a instituição procedeu ao apuramento das necessidades do novo estabelecimento e à realização dos devidos concursos de arquitectura e de construção. Concluídos os habituais processos burocráticos, a faculdade recebeu o sinal verde do Ministério da Ciência, Inovação e Ensino Superior para dar continuidade ao projecto.

Segundo o presidente do conse-

lho directivo da faculdade de Farmácia, Adriano Sousa, “o auto de consignação foi assinado tendo em conta o prazo de 18 meses dado pela construtora”, isto é, Junho de 2006. No entanto, este prazo não vai ser a data de abertura das portas aos alunos, visto que, posteriormente, se vai realizar o concurso de mobiliário e equipamento. Deste modo, espera-se que a transferência do estabelecimento esteja concluída para o início do ano lectivo de 2007/2008.

Na opinião de Adriano Sousa, esta mudança para as novas instalações poderá vir a aumentar, numa primeira fase, o número de alunos de 960 para cerca de 1075. Contudo, para este aumento, Adriano Sousa refere que é preciso ter em conta os actuais problemas de quebra demográfica e consequente envelhecimento da população, aliados à forte competitividade por parte dos politécnicos da Beira Interior, de universidades públicas (como a de Aveiro) e privadas – as quais beneficiam, por vezes, do facto de estarem

mais próximas das zonas de habitação dos estudantes e de implicarem menos encargos económicos. No entanto, no que toca ao caso específico da licenciatura em Ciências Farmacêuticas, Adriano Sousa congratula-se por ser “das poucas no país cujos licenciados ainda conseguem emprego”. No entanto, e tendo em consideração a baixa média etária dos farmacêuticos em Portugal, “quando o mercado de trabalho ficar preenchido de acordo com as suas exigências, vamos entrar só na substituição dos que se vão embora”. E explica: “Como os mais velhos são muito poucos (muito menos dos que os que se licenciam todos os anos), não há rotação”. Assim, tal factor “poderá ter como consequências um mercado de trabalho cada vez mais lotado e uma menor procura”.

As actuais instalações de Farmácia, divididas pelo edifício geral, pelo Colégio de Jesus e por uma parte dos antigos hospitais, estas não vão ser deixadas ao abandono. O edifício geral vai dar lugar a

uma biblioteca para a Faculdade de Direito, enquanto que o Colégio de Jesus vai passar a Museu da Ciência. Já o espaço nos antigos hospitais vai ser demolido, tendo em conta o Projecto do Arquitecto Birn, autor do plano de pormenor do Pólo I.

A nova faculdade de Farmácia vai assim juntar-se à faculdade de Medicina, ao Instituto de Medicina Legal, à Biblioteca e ao PET – Centro de Tecnologias Nucleares Aplicadas à Saúde, ambos ainda em construção. Em projecto está também a criação de um restaurante universitário e de uma residência de estudantes, com capacidade para 270 camas. Ainda durante o ano de 2005, o reitor da Universidade de Coimbra espera ver o início da empreitada da sub-unidade 3 da faculdade de Medicina, cujo projecto de execução está em fase de construção. Em fase de elaboração do projecto-base está o Instituto Nacional de Medicina Legal, enquanto se desenvolve o estudo prévio do edifício do estacionamento coberto.

Propinas canalizadas para investimentos

Reitor diz cumprir a promessa de usar as propinas para melhoria da qualidade de ensino

São 4,7 milhões de euros provenientes da contribuição dos estudantes, a dividir entre projectos na área da educação, apoio social, investigação, inserção profissional e infra-estruturas

Rui Pestana

Em reunião do Senado da Universidade de Coimbra (UC) foi aprovado que o dinheiro proveniente das propinas estudantis vai financiar projectos do Fundo de Investimento. Estes projectos correspondem a um investimento de cerca de 4,7 milhões de euros por ano, para os próximos três anos.

Para o Reitor da UC, Fernando Seabra Santos, este investimento vai "aumentar a atractividade e qualidade" da instituição. O valor injectado neste Fundo de Investimento foi alcançado devido ao aumento da propina para o ano lectivo de 2004/2005. Assim, os 4,7 milhões de euros correspondem à diferença de receita entre a propina mínima e a máxima, sendo que constitui cerca de metade do valor total das propinas pagas pelos estudantes da UC.

Deste total, já em Outubro do ano anterior haviam sido canalizados cerca de 500 mil euros para um Fundo Social dirigido a alunos

que não recebem bolsa de Estudo, mas cujas famílias têm dificuldades económicas. Ainda no âmbito do apoio social, a UC vai reduzir a propina máxima para a mínima ao segundo filho do mesmo agregado familiar, bem como a funcionários da universidade.

Outro dos projectos a destacar é a criação, em parceria com o Instituto de Emprego e Formação Profissional, de um "projecto de empregabilidade". Este Centro de Emprego deverá vir a funcionar junto ao edifício da Associação Académica de Coimbra.

Novas bolsas e residências

O Fundo de Investimento vai atribuir 100 bolsas de mobilidade no âmbito do programa Sócrates/Erasmus e apostar no Projecto European Credit Transfer System. Na área educativa, o senado aprovou ainda a atribuição de bolsas de mérito aos melhores alunos de cada Faculdade e a certificação pedagógica de várias licenciaturas. Desta forma, serão analisadas as licenciaturas em Economia, Engenharia Informática, História e Matemática, numa "experiência piloto que nos permitirá adquirir conhecimentos e que se espera poder ser alargada a outras licenciaturas", esclareceu na altura Seabra Santos.

O dinheiro das propinas vai permitir à UC a reabilitação e construção de vários edifícios, nomeadamente de uma nova residência estudantil perto do Observatório Astronómico. São 50 novas camas



Reitoria vai investir parte do dinheiro na melhoria das infra-estruturas da universidade

pagas pelas propinas e que Seabra Santos acredita que "irão dar mais vida" à margem esquerda do Mondego. Estão ainda previstas mais obras de melhoramento, nomeadamente no campo de rugby do Estádio Universitário em no campo de Santa Cruz, Colégio da Trindade,

Teatro Paulo Quintela, Instituto Coimbra e Casa das Caldeiras. O Pólo II da universidade vai receber apoios para o novo edifício da AAC e casa do pessoal da UC.

No capítulo da investigação académica, a UC passa a distribuir dez bolsas por ano para doutora-

mentos e a financiar programas de investigação interdisciplinares que envolvam estudantes no último ano de licenciatura. A candidatura da UC a Património da Humanidade da UNESCO levará também uma parte do dinheiro pago pelos estudantes.

Protestos recorrem cada vez mais a cadeados

Estudo do Centro de Estudos Sociais (CES) da Faculdade de Economia considera que fecho a cadeado é "um método de protesto eficaz" e afirma que reivindicações do ensino superior lançam novas formas de contestação

Ana Bela Ferreira
Marisa Ferreira

Os protestos no sector da educação compreendem cerca de um terço do total das manifestações realizadas em Portugal durante a década de 1992-2002, concluiu um estudo do Centro de Estudos Sociais (CES) da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC). A investigação mostra que 32,7 por cento dos protestos públicos se

verificaram na educação, de entre os quais quase metade correspondem a acções de reivindicação no ensino superior.

O mentor do projecto, o sociólogo José Manuel Mendes, docente na FEUC, refere que o objectivo do estudo é "caracterizar o protesto, as acções reivindicativas e os movimentos sociais", em Portugal durante o período considerado. O estudo acompanhou diversas manifestações que contemplam movimentos de teor cívico, educacional e social (como o direito à saúde, por exemplo).

Segundo José Manuel Mendes "é importante referenciar que essa predominância do ensino superior tem vindo a perder peso", enquanto, sublinha que o ensino básico aumentou a sua expressão. O investigador considera que "as lideranças dos movimentos da academia não têm conseguido marcar uma agenda de protesto" de forma a obrigar os meios de comunicação social a debruçarem-se mais sobre este sistema de ensino. Na opinião do sociólogo os protestos refe-

rentes a outros graus de ensino têm vindo a assumir uma maior mediatização, pois as pessoas notam a "atenção que os media nutrem por estas questões e recorrem a mecanismos de protesto espectaculares, como o fecho a cadeado" reforça José Manuel Mendes.

O fecho a cadeado foi introduzido nos protestos pelos estudantes do superior. O docente refere que, embora se registre uma diminuição dos protestos no ensino superior, "este grau de ensino aposta na inovação das tecnologias de protesto". No parecer de José Manuel Mendes, "as formas de manifestação adoptadas pelos estudantes servem de mimetismo para o resto dos movimentos sociais".

No caso particular do uso do fecho a cadeado no ensino básico, o coordenador do estudo considera que "terá a ver com uma consciência de cidadania, em que a escola é um espaço privilegiado". O encerramento das escolas a cadeado representa uma quebra na normalidade cívica de cidadania e as-

sume-se como um instrumento de pressão dos órgãos políticos, remata o sociólogo.

Esta forma de luta é encarada como "uma lógica radical de chamar a atenção", usada pelos pais dos alunos do ensino básico, explica José Manuel Mendes. De tal forma que, desde 1998, se registou um aumento expressivo deste método.

Contudo, o docente salienta o "carácter ilegal" deste mecanismo de pressão em que ocorre um "processo de mobilização no qual a escola é fechada sem que os agentes da autoridade possam intervir". O fecho a cadeado é, ainda assim, um meio "muito eficaz".

As conclusões deste estudo mostram que "a sociedade portuguesa é uma sociedade crítica, uma sociedade de maturidade democrática e que os cidadãos são exigentes". A investigação evidencia, ainda, que nem os poderes locais, nem os partidos, nem as associações estão a saber trabalhar com os cidadãos. Para José Manuel Mendes "os cidadãos estão divorciados dos poderes instituídos".

PUBLICIDADE



CASTELLO LOPES
CINEMAS

C.C. Girassolum
Coimbra

A PROJECTAR EMOÇÕES. DESDE SEMPRE.
Peça já o seu cartão cliente nas nossas bilheteiras e descubra as vantagens

Próximas estreias:

DIA 20/01 - CLOSER - PERTO DEMAIS

Realizado por MIKE NICHOLS

Com: JULIA ROBERTS, JUDE LAW, NATALIE PORTMAN, CLIVE OWEN

DIA 27/01 - UNS COMPA...

Realizado por JAY ROACH

Com: ROBERT DE NIRO, BEN STILLER, DUSTIN HOFFMAN

8 CIDADE



MARYLINE ALVES

Hospital Pediátrico de Coimbra vai ter especialidades únicas no país, garantem os responsáveis

Pediátrico adjudicado hoje

Obras arrancam em Fevereiro e terminam no final de 2007

Novo hospital pediátrico consagra especialidades únicas no país, sendo considerada uma “obra nacional” pelas entidades envolvidas

Ana Bela Ferreira
Diana do Mar

O novo Hospital Pediátrico de Coimbra vai ser adjudicado hoje pelo primeiro-ministro, Pedro Santana Lopes, apesar de inicialmente estar previsto para a passada quinta-feira, dia 13.

O atraso deve-se à incompatibilidade com a agenda do chefe do Governo e em nada compromete as datas de execução do projecto, garante o presidente da Administração Regional de Saúde do Centro (ARSC), Fernando Andrade, que salienta a importância da presença do primeiro-ministro na adjudicação desta obra, na medida em que “este é o primeiro hospital pediátrico construído exclusivamente a pensar nesta função”.

A questão de um novo Hospital Pediátrico arrasta-se desde a década de 70. No entanto, só em 1996 é que o poder político assumiu a necessidade de concretizar esta obra. “Este

projecto só foi possível a partir do momento em que foi encarado como uma obra nacional”, esclarece Fernando Andrade. Deste modo, o Plano de Investimento e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central (PIDDAC) foi a fonte de financiamento que tornou esta estrutura uma realidade.

O arranque dos trabalhos está agendado para Fevereiro e a sua duração será de dois anos e meio. Após esta fase, estão contemplados mais seis meses para a instalação de equipamento. A conclusão da obra está prevista para Dezembro de 2007.

A este respeito, Fernando Andrade considera que “os seis meses para a instalação de todo o equipamento serão uma espécie de almofada para possíveis atrasos na execução da obra”. O presidente da ARSC ressalva que “o importante é não haver nenhum descuido no organograma de execução”.

O novo hospital segue o modelo de atendimento europeu que compreende um alargamento da faixa etária dos utentes (dos 11 para os 18 anos) o que não se verifica actualmente. Segundo o presidente da Comissão de Utentes do Hospital Pediátrico, Francisco Queiróz, isto prende-se “com a inviabilidade das instalações e com a carência dos recursos técnicos e humanos”.

A nova estrutura hospitalar exige

novas especialidades e por isso aposta na formação do pessoal técnico, direccionada para o trato com adolescentes, no sentido da prevenção para uma vida saudável. “O aumento de equipas médicas especializadas está já a ser preparado por uma comissão directiva responsável por todo o programa funcional”, explica o presidente da ARSC.

No entanto, “a elevada especialização dos pediatras tem como consequência a perda do conceito de pediatria geral, no sentido de médico de família pediatra”, refere Fernando Andrade. O director clínico do Hospital Pediátrico, António Capelo, partilha esta preocupação e garante que esta falha está a ser colmatada.

Mais do que um hospital geral de crianças, esta obra não pretende ser uma unidade isolada e projecta-se ao nível de um sistema de intercâmbio e cooperação entre as diversas entidades de saúde da região e do país. Ao nível de investimentos em infra-estruturas e equipamentos destaca-se o facto “de a construção, desde a sua raiz, ter sido feita a pensar na criança”, sublinha António Capelo. É uma estrutura que conta com uma zona de lazer e com um jardim-escola direccionados, em exclusivo, para a integração do utente.

O projecto prevê, também, uma zona reservada para possibilitar o acompanhamento permanente dos

familiares às crianças internadas. Na opinião do director clínico do Hospital Pediátrico, a unidade hospitalar deve prever o deslocamento dos profissionais de saúde para evitar a transferência das crianças e as suas implicações.

O presidente da Comissão de Utentes do Hospital Pediátrico realça a importância de reconhecer “esta obra como uma vitória das populações e dos utentes que sempre lutaram por esta causa”. Deste modo, considera “abusivo o festival publicitário promovido pelo Ministério da Saúde e apoiado pela Câmara Municipal de Coimbra”. Também António Capelo defende que “se tem feito demasiada publicidade à nova estrutura”. Por outro lado, o director clínico acredita que é “necessário reconhecer que este governo assumiu a obra e tem no seu mérito o lançamento deste concurso”. Embora na mesma perspectiva, o presidente da ARSC acredita que “acima de tudo este projecto não pretende servir este governo nem esta data, mas servir a pediatria”.

Esta valência da pediatria em Portugal surge como uma prioridade, porque integra especialidades únicas no país, uma vez que “foi pensado para responder de uma maneira cabal a todas as suas necessidades”, assegura o director clínico da unidade hospitalar.

Novos nomes nas ruas de Coimbra

Carla Santos

Os guitarristas Carlos Paredes e António Pinho Brojo são algumas das figuras que ilustram a nova toponímia da cidade. A decisão foi aprovada no dia 3 pelo executivo da Câmara Municipal de Coimbra (CMC). As ruas contempladas situam-se nas freguesias de Santo António dos Olivais, Quinta da Romeira, Taveiro, Lamarosa, Antuzede, Ceira e Santa Clara.

Ao todo, foram 49 novos topónimos, escolhidos entre os cerca de cem nomes sugeridos em Dezembro pela Comissão de Toponímia. Segundo o vereador do Pelouro da Cultura da autarquia, Mário Nunes, os topónimos escolhidos passaram por uma selecção criteriosa na qual são distinguidas “pessoas, eventos ou coisas que ao longo do tempo identificaram, valorizaram e enalteciam o território onde viveram ou onde deixaram notas do seu valor”. O vereador explica também a importância da toponímia urbana no que toca à orientação dentro do centro citadino, quando afirma que “o nome de cada rua funciona como a identificação imaterial que tem a funcionalidade de dar a conhecer a própria cidade àqueles que a visitam ou nela residem”.

Outras personalidades homenageadas são Alfredo Fernandes Martins (catedrático de geografia), Campos Figueiredo (escritor e autor do libreto da ópera “Auto da Fundação e Conquista de Coimbra”), Orlando Carvalho (professor catedrático de Direito) e Luís de Camões (autor da obra épica “Os Lusíadas”).

Para além destes nomes, foram também aprovados uma série de topónimos naturais, pontos de referência “primitivos” que, ao longo dos séculos, serviram de orientação aos transeuntes e que de algum modo caracterizam a rua ou zona. Entre estes, há a referir a Rua dos Acácios, a Rua Casa da Pedra e a Rua Moinho de Vento.

Mário Nunes não adianta uma data exacta para a inauguração mas “prevê-se que seja para breve, já que as placas estão neste momento a ser feitas”.

Coimbra debate Parque Judiciário

A opinião dos habitantes da cidade acerca dos estabelecimentos de justiça nela existentes vai ser tema de um debate a realizar na próxima quinta-feira na Casa Municipal da Cultura.

O colóquio é organizado pela República do Direito, o Conselho da Cidade e a Pro Urbe e tem como convidados o arquitecto Alexandre Alves Costa e a directora executiva do Observatório Permanente da Justiça, Conceição Gomes. Conta ainda com comentários e opiniões dos profissionais ligados a serviços de Justiça e do presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação.

Candidatos apresentam-se a Coimbra

Com listas já escolhidas, preparam-se os programas eleitorais para as legislativas

A um mês das eleições, da esquerda à direita conhecem-se candidatos e apontam-se áreas de intervenção. Quanto às questões do ensino superior, as posições divergem

Marília Frias

No próximo dia 20 de Fevereiro realizam-se as eleições legislativas que permitirão a escolha dos 230 deputados que constituirão a Assembleia da República. Dez desses parlamentares serão eleitos pelo distrito de Coimbra. Da esquerda à direita, perfilam-se os cabeças de lista das cinco principais forças políticas.

O cabeça de lista pelo Bloco de Esquerda (BE), José Manuel Pureza, é doutorado em Sociologia, licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, sendo actualmente professor associado da faculdade de Economia, professor convidado da faculdade de Direito e coordenador da licenciatura em Relações Internacionais.

Pureza caracteriza a sua candidatura como "de luta pela resolução dos principais problemas nacionais" mas "obviamente com repercussões no distrito de Coimbra". O programa eleitoral, segundo o docente, dá primazia ao problema do desemprego e do trabalho precário, cujos números existentes "são catastróficos". Problema ao qual o BE pretende responder com um "plano de emergência para a criação de emprego". Pureza salienta ainda, como áreas de intervenção, a educação, a saúde e a justiça, assim como o ambiente e ordenamento do território.

Questionado sobre a questão das propinas, Manuel Pureza encarna a "posição de repúdio" do BE quanto à forma de financiamento do ensino superior, afirmando que "o Estado deve assumir a responsabilidade pelo financiamento deste bem, que é de primeiríssima prioridade."

Apesar de não ter eleito qualquer deputado nas legislativas anteriores, o bloco considera que "não há votos fidelizados" e que "o partido está numa posição favorável para crescer".

Candidato pela CDU (junção do PCP e d'Os Verdes), Mário de Oliveira Nogueira, de 46 anos, é professor, coordenador do Sindicato dos Professores da Região Centro e membro do Conselho Nacional e do Secretariado Nacional da FENPROF. O cabeça de lista é também membro do Conselho Nacional da CGTP-IN e membro do PCP, bem como deputado da Assembleia Municipal de Coimbra.

Mário Nogueira considera que a

sua lista "vale pelo conjunto", uma vez que se tratam de "pessoas com provas dadas, que vivem, conhecem e trabalham no distrito". Adiantando algumas linhas gerais do seu programa eleitoral, Mário Nogueira refere como principais necessidades do distrito um plano para o desenvolvimento industrial, de forma a combater o desemprego e apoiar as pequenas e médias empresas. Na área da saúde enumera algumas obras essenciais, como a construção "no prazo" do hospital pediátrico, a requalificação dos hospitais existentes e o combate ao encerramento dos centros de saúde. Refere ainda como "uma luta a continuar" as questões da co-incineração, da possível necessidade de privatização do Teatro Académico de Gil Vicente e das deficiências dos transportes.

Na área da educação, Mário Nogueira reitera a posição do PCP e d'Os Verdes, dizendo-se "contra a actual lei de financiamento", por considerar que "as propinas não são a forma nem correcta nem justa de financiamento do ensino superior".

Depois das eleições de 2002, em que não foi eleito qualquer deputado da CDU, o professor considera que "Coimbra precisa de ter outro deputado de outra força que não do PS e do PSD", prevendo que, "se a CDU conseguir repetir o número de votos que teve, por exemplo, nas eleições para as assembleias municipais", conseguirá eleger um deputado.

Matilde Sousa Franco, nascida em Lisboa, doutoranda em História da Arte e Museologia, membro das Academias de Belas-Artes, de História, Sociedade Científica e Universidade Católica. Ex-diretora do Museu Nacional Machado de Castro, é a número um da lista de candidatos a deputados do PS, por Coimbra.

Em entrevista ao Correio da Manhã, a 30 de Dezembro, Matilde Sousa Franco considerou Coimbra uma "região fascinante", onde viveu "vários anos". Nesta entrevista, a viúva de António Sousa Franco recorda ainda que tomou várias medidas a favor da cultura da região, como a classificação de Coimbra como bem do património mundial da UNESCO. Recorda ainda que só deixou Coimbra pelo facto de o marido ter toda a sua vida em Lisboa. Matilde Franco explica, assim, a sua candidatura com o desejo de servir Portugal, sobretudo na área da cultura.

À direita, dois nomes sonantes

Zita Maria de Seabra Roseiro, nascida em Coimbra, foi a escolhida por Pedro Santana Lopes para encabeçar a lista de candidaturas a deputados por este distrito pelo PSD. Ex-deputada do PCP, colaborou com o Governo de Cavaco Silva, aceitando a nomeação para o Instituto de Apoio às Artes e aos



PSD Coimbra vai tentar evitar uma nova vitória da esquerda neste distrito

Espectáculos. Actualmente é editora da Bertrand e da Quetzal.

A candidata compromete-se a "defender os interesses de Coimbra no Parlamento" e considera que "Coimbra merece ter um deputado que faça um mandato de quatro anos e que faça uma ligação entre o distrito e a Assembleia da República". Apesar do programa regional estar em fase de elaboração, adianta que será dada especial relevância às áreas da educação e saúde.

Referindo-se à questão das propinas, Zita Seabra diz concordar com a sua aplicação, "desde que isso corresponda à melhoria da

qualidade de ensino", e acrescenta ser "a favor de apoios sociais para quem não pode estudar".

Para 20 de Fevereiro, Zita Seabra espera melhores resultados do que os cinco deputados eleitos em 2002. Quanto à discordância manifestada por alguns dirigentes do PSD Coimbra em relação à lista de candidatos que encabeça, considera que "é normal e natural que num partido democrático" se discorde da representação. "Mas felizmente isso passou e agora estamos todos unidos a preparar a campanha eleitoral", faz questão de ressaltar.

Do lado do CDS/PP, o actual mi-

nistro do Ambiente e Ordenamento do Território, Luís Nobre Guedes, vai ser o cabeça de lista por Coimbra. Nobre Guedes é licenciado em Direito e já foi deputado quer no Parlamento nacional quer no Parlamento Europeu. Actualmente, também é membro do Conselho Superior de Magistratura. Há mais de 20 anos que o CDS/PP não elege um deputado pelo distrito de Coimbra. Até ao fecho desta edição, o Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA tentou, sem resultado, contactar o ministro Luís Nobre Guedes, para saber das propostas eleitorais do CDS/PP para este distrito.

MARYLINE ALVES

10 INTERNACIONAL

Iraque prepara processo eleitoral

30 de Janeiro é a data das primeiras eleições após a queda de Saddam Hussein

Iraquianos vão eleger Assembleia de 275 membros para escolher Governo e fazer o esboço de nova constituição

André Miguel Ventura

No Iraque vivem-se dias agitados devido ao aproximar do dia das grandes decisões para a população daquele país. Com o aproximar do dia 30 deste mês e respectivo acto eleitoral, aumenta o número de atentados e raptos de jornalistas e outros trabalhadores internacionais, perpetrados por aqueles que declaradamente são contra qualquer tipo de escrutínio, bem como contra a presença naquele país da coligação liderada pelos EUA.

Neste sufrágio estão em jogo 275 lugares na Assembleia Nacional, cuja principal tarefa será elaborar e aprovar a nova constituição. Nesta assembleia, um quarto dos lugares terá de ser preenchido por mulheres, numa medida que se propõe não só a fortalecer a posição da mulher na sociedade iraquiana, mas também a aproximar o Iraque dos índices dos países ocidentais no que toca à participação das mulheres na sociedade. Simultaneamente, também se realizará a votação para 18 assembleias das províncias e para os 111 lugares de deputado do Parlamento autónomo curdo no norte do Iraque.

Os especialistas, contudo, esperam que cada iraquiano vote não seguindo ideologias políticas, mas sim de acordo com as suas origens étnicas e religiosas. Assim sendo, os xiitas, que representam a maioria dos iraquianos (60 por cento da população), devem apoiar partidos xiitas, tanto os seculares, quanto os religiosos. Deste modo, os representantes xiitas formaram uma grande coligação de vinte e dois partidos políticos, denominada

Aliança Iraquiana Unida, a qual conta com o apoio do mais importante líder religioso do país, o aiatolá Ali al Sistani.

Esta coligação poderá, ainda, ser favorecida por um eventual boicote dos grupos sunitas, muitos deles envolvidos na revolta contra a presença de forças americanas e contrários ao processo eleitoral e que afirmam que apenas mediante a retirada das forças internacionais estacionadas naquele território viabilizarão as eleições marcadas para o fim de Janeiro.

Esta provável falta de representação sunita na nova Assembleia Na-

cional pode vir a ter graves repercussões a longo prazo para a legitimidade e estabilidade do governo eleito, já que este poderá não corresponder aos ensejos da minoria sunita. Relativamente aos curdos, que têm autonomia de governo no norte do Iraque, os analistas prevêem que estes votem nos seus dois partidos principais, o Partido Democrático do Curdistão e a União Patriótica do Curdistão, que concordaram em apresentar uma lista única de candidatos.

A nova Assembleia Nacional Iraquiana terá como principais poderes a aprovação de leis, bem como

a eleição, de entre os seus membros, de um presidente e dois vice-presidentes. Estes, por sua vez designarão um primeiro-ministro, que deverá ser, igualmente, membro eleito da assembleia. Ao primeiro-ministro caberá o controlo do executivo iraquiano, assim como das Forças Armadas.

Os deputados eleitos terão como principal objectivo a elaboração de uma nova carta constitucional, que deverá estar pronta até à data limite de 15 de Agosto de 2005, devendo, depois, ser submetida a referendo popular até 15 de Outubro de 2005. Este ciclo de consultas popu-

lares, se decorrer dentro dos prazos previstos, apenas estará concluído a 15 de Dezembro deste ano, com a realização de novas eleições, estas já com base na nova carta constitucional iraquiana.

Com o governo eleito nesse escrutínio a tomar posse a 31 de Dezembro de 2005, nessa mesma data, de acordo com a resolução 1546 do Conselho de Segurança da ONU, expira o mandato das forças internacionais no Iraque, embora o governo eleito iraquiano possa pedir, de acordo com a conjuntura interna do país, que estas permaneçam por um período mais alargado.



Convicções religiosas poderão ser decisivas nas eleições iraquianas

Tsunamiacentua conflitos no Sri Lanka

Tragédia humanitária lança novo foco de tensão entre Governo e rebeldes separatistas

Carla Santos

Com o caos e destruição criados pelo maremoto de 26 de Dezembro, o conflito que opõe o governo do Sri Lanka ao grupo rebelde Tigres Tamil ganhou novos contornos. Tanto os rebeldes separatistas como o executivo trocam acusações entre si: os Tigres Tamil dizem não estar a receber ajudas internacionais nas zonas que controlam e acusam as autoridades de impedir a sua distri-

buição, enquanto o governo se defende das acusações dos separatistas, justificando-se perante a comunidade internacional com o argumento de que os rebeldes se recusam a receber qualquer tipo de ajudas, dificultando as operações no terreno das Organizações Não Governamentais e grupos humanitários que prestam assistência médica e alimentar.

Para além desta troca de acusações, há registos de violações e raptos de mulheres e adolescentes por parte dos rebeldes, assim como relatos, por parte do exército oficial, do sequestro de crianças que perderam os pais na catástrofe e que se encontravam nos centros de acolhimento temporários controlados pelos Tigres. Simultaneamente, surgem também notícias de uma deslocação em

massa dos habitantes da zona leste do país, área principal das operações dos rebeldes, para zonas controladas pelo governo.

No passado dia 8, o secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, esteve em visita oficial no Sri Lanka, mas foi proibido pelo governo local de visitar as zonas controladas pelos rebeldes. O governo explicou que procedeu assim para "evitar a controvérsia". Kofi Annan lamentou a falta de liberdade de movimentos no terreno.

O conflito no Sri Lanka é provocado pelas reivindicações dos rebeldes Tigres de Libertação do Eelam Tamil (LTTE), que lutam por um território independente. A área reivindicada pelos separatistas constitui um terço do total do país. E, apesar de constituírem uma minoria (3,2 milhões entre os 18,6

milhões de população total), o governo cingalês não consegue a sua extinção.

O Sri Lanka é um país onde impera a diversidade religiosa (budista, hindu, minorias católicas e muçulmana) e linguística (sinhala, tamil e inglês). Em 1977 a primeira-ministra Sirima Badaranaika tentou unir a ilha sob uma única língua, o cingalês, decisão à qual se opuseram os tamiles e os católicos. Assim, as actividades dos separatistas começaram tempos depois, nos anos 80, estendendo-se até hoje.

No conjunto dos países do sudeste asiático, o Sri Lanka foi um dos países mais afectados pelo tsunami que assolou o sudeste asiático. Contabilizaram-se já 30 mil mortos e quase 500 mil desalojados na nação governada por Chandrika Kumaratunga.



Combate aos fogos torna-se mais fácil graças a um sistema desenvolvido no Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade de Coimbra

Estudo sobre incêndios florestais recebe prémio espanhol

Investigação da Universidade de Coimbra distinguida pelo Ministério do Meio Ambiente Espanhol. Projecto conta com a colaboração de equipas internacionais

Catarina Rodrigues

A Associação Aerodinâmica Industrial de Coimbra (ADAI), que integra um Centro de Estudos sobre Incêndios Florestais e faz parte do Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade de Coimbra, foi distinguida na semana passada com o "Batedor de Ouro", um prémio espanhol dado a instituições que se destacam na área da prevenção e combate aos fogos.

A investigação da ADAI centra-se, essencialmente, em perceber o

comportamento do fogo. O projecto criou sistemas capazes de prever para onde se dirige o fogo, qual o impacto deste nas matas e no solo e quais as consequências ecológicas.

O presidente da ADAI, Xavier Viegas, diz estar satisfeito com os resultados da pesquisa e adianta já estar a preparar "a candidatura de um novo projecto para dar continuidade à investigação do comportamento de incêndios", tendo em conta o aspecto físico, a combustão e a topografia para perceber como é que o fogo reage ao vento e ao declive.

No projecto participaram 30 instituições de países da Europa e instituições portuguesas especializadas em áreas como a Geografia, Psicologia, Economia e Direito. Para Xavier Viegas, este foi "um projecto ambicioso e abrangente sob o ponto de vista científico".

A investigação remonta a Setembro de 1985, quando quinze bombeiros morreram no combate a um incêndio que deflagrou em Arma-

mar. Desde aí, surgiu a ideia de estudar o comportamento do fogo, no que diz respeito a aspectos físicos e tentar perceber como lidar com incêndios. Xavier Viegas, enquanto professor catedrático de Engenharia Mecânica, reuniu então alunos finalistas para fazerem um trabalho sobre o comportamento do fogo num incêndio.

Nos primeiros anos, foram conseguidos alguns apoios, mas em 1990/91 o projecto sofreu uma descontinuidade de fundos, desmembrou-se e "as pessoas desinteressaram-se", explica o responsável. Mesmo assim, deram continuidade ao projecto com ajuda da União Europeia e integrando equipas de outros países, de outras áreas, universidades e instituições. A União Europeia deu um apoio "fundamental", nomeadamente, através dos países Nórdicos, "que mesmo sem problemas de incêndios florestais foram receptivos e os que mais apoiaram".

A partir de 1999, e para uma in-

vestigação mais aprofundada, realizaram-se ensaios de campo em Castanheira de Pêra e foi criado um laboratório na Serra da Lousã, para onde vão amostras e análises de combustíveis, e que permite variar os parâmetros, verificar e comprovar de que modo o fogo é influenciado pela acção do vento e declive. O laboratório tem túneis de combustão e mesas que possibilitam o estudo da importância do declive num incêndio. Outro dos métodos usado passa pela observação dos incêndios reais num perímetro de segurança. Contudo, Xavier Viegas queixa-se da "falta de apoio da parte de Portugal, que só contribuiu em projectos pontuais e deu pouco apoio financeiro". O coordenador diz que não compreende "como o trabalho é reconhecido lá fora, visto que dentro do país há pessoas responsáveis que o ignoram" e realça que há diversas entidades em Portugal que trabalham nesta área, mas sem acção conjunta.

Coimbra participa no ano da Física

Inês Subtil

2005 é o Ano Internacional da Física (AIF), um evento mundial que pretende chamar a atenção do público para a importância da física no desenvolvimento do ramo das ciências e tecnologias, bem como o seu impacto na sociedade. Neste âmbito, existem várias iniciativas anunciadas para todo o país. Em Coimbra, na faculdade de Ciências e Tecnologia, terá lugar, a 13 de Abril, uma conferência sobre a "Transição líquido-gás em matéria nuclear" e, de 11 a 18 de Agosto, o I Encontro Internacional de Estudantes de Física, organizado pela Physis - Associação Portuguesa de Estudantes de Física.

Muitos dos eventos que se realizam em vários países estão a cargo de uma organização específica mas, depois de a União Internacional de Física Pura e Aplicada ter instituído 2005 como o Ano Internacional da Física, os organizadores esperam a participação isolada de fundações, universidades, museus de ciência, departamentos de física, laboratórios, professores, grupos ou mesmo de qualquer pessoa que queira planejar eventos relacionados com o tema.

Entre os objectivos deste AIF está o combate ao decréscimo do número de estudantes de física, a sensibilização da comunidade internacional de físicos para a divulgação desta ciência junto do público em geral e do papel que a física tem, em parceria com outras ciências, na resolução de problemas globais como a produção de energia, a protecção ambiental e a saúde pública.

A data escolhida está associada ao centésimo aniversário do "ano milagroso" de Albert Einstein. Em 1905, o cientista publicou três artigos que promoveram a base da criação dos três campos fundamentais na física: a teoria da relatividade, a teoria quântica e a teoria do movimento Browniano. Conhecida pela equação $E=mc^2$, a teoria da relatividade relaciona energia com massa. A teoria quântica é usada para calcular o processo de movimento das partículas atómicas e subatómicas quando estas são estimuladas por forças como as produzidas pelos campos eléctricos e magnéticos. A teoria do movimento Browniano estuda a agitação irregular, rápida e contínua, em todas as direcções, das partículas suspensas num meio fluido qualquer, dependendo da temperatura.

SEXTA
GERAÇÃO
Informática Multimeia, Lda

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

PUBLICIDADE

14 DESPORTO

Um ponto moralizador

Num jogo bem disputado, Académica e FC Porto igualam-se na ineficácia e no resultado

Concentrada e tranquila, a Briosas empata a zero e trava os campeões nacionais, longe da melhor forma

Tiago Almeida

Depois da derrota em Moreira de Cónegos e da vitória para a Taça de Portugal, frente ao Rio Ave, por duas bolas a zero, a Académica tinha no FC Porto o primeiro adversário de um ciclo difícil de jogos que se aproxima na Superliga.

A principal novidade no onze acadêmico foi o médio Dionattan, que relegou Ricardo Fernandes para o banco de suplentes. Já nos portistas, Léo Lima e o jovem Paulo Machado fazem a sua estreia como titulares dos "dragões".

Os primeiros minutos anunciam o que viria a ser o cariz do jogo. Apesar de um remate, em boa posição, de Dário, aos seis minutos, à figura de Baía, o duelo é taticamente equilibrado, contido e com o perigo a visitar pouco as balizas. A partir do quarto de hora inicial, os visitantes ameaçam Pedro Roma. Primeiro por Paulo Machado, numa bola rematada à entrada da área que passa junto ao poste, e depois através de McCarthy, num lance individual que obriga o guardião da Briosas a estender os braços para evitar o golo.

Nesta fase, a jogar principalmente em contra-ataque, a Académica não incomoda Vítor Baía, mas chega algumas vezes à área portista. Através de Luciano e de Kenedy, os "estudantes" tentam furar as alas do adversário, porém a primeira parte termina numa toada igualmente morna. Um pouco mais quentes, nesta altura, estavam as bancadas do Estádio Cidade de Coimbra, o palco de alguns desacatos com a claqué dos Super Dragões. Alguns adeptos são mesmo transportados para o hospital.



Académica não cai aos pés de um campeão europeu desinspirado

O FC Porto entra melhor na segunda metade. Diego, depois de uma combinação com Luís Fabiano, tira tinta do poste da baliza de Pedro Roma e desperdiça a melhor oportunidade de golo em todo o jogo. Já com Joeano em campo, entrado para o lugar do lesionado Dário, a Académica, sempre através da velocidade de Luciano, começa a por em sentido o último reduto azul e branco. Na recta final do encontro, com o F.C. Porto desinspirado (pese a boa entrada de Quaresma), a Briosas ameaça verdadeiramente Baía. Joeano, a dez minutos do fim, e Vasco Faísca, pouco depois, estão muito perto do golo, na sequência de dois pontapés de canto, executados por Kenedy. Os defesas portistas aliviam o perigo, em ambas as situações.

Quaresma, já em descontos, cria o último lance de registo. Depois de deixar para trás dois acadêmicos, o

extremo obriga Pedro Roma a uma brilhante defesa.

O empate acaba por satisfazer uma Académica que procura desesperadamente pontos para garantir a manutenção.

No entanto, a última posição na tabela continua a ser uma realidade e os próximos jogos serão verdadeiros testes à capacidade da equipa. O Sporting de Braga é o adversário que se segue.

Nas cabines...

Nelo Vingada, treinador da Académica:

"Não foi um jogo muito bonito. Reconhecemos as nossas limitações e jogámos com as nossas armas. Este foi o jogo possível"

"A nossa exibição foi sustentada, frente a uma equipa poderosa, campeã nacional, europeia e intercontinental"

"A Académica acabou por merecer este empate que não sabe a vitória, mas é moralizante e prestigia a nossa equipa"

Victor Fernandez, treinador do FC Porto:

"Este foi um mau resultado para nós e esta tem sido uma série de empates que nos pode prejudicar muito"

"A Académica esteve bem defensivamente e nós criámos poucas oportunidades e não fomos eficazes"

"Temos de passar a ter mais posse de bola e a ser mais esclarecidos. Caso contrário, é difícil fazer mais"

Futsal perde pontos no Norte

No encontro que fechou a primeira volta da série A da II divisão, a Académica perdeu no terreno do Mocidade d'Arrábida por 3-2

João Campos
Diana do Mar

No domingo, o Futsal deslocou-se ao Pavilhão Infante Sagres, para defrontar o Mocidade d'Arrábida. A Briosas acabou por regressar com uma derrota e ocupa agora o sexto lugar da tabela classificativa.

A partida começou numa toada len-

ta e com poucas oportunidades, destacando-se apenas um contra-ataque acadêmico protagonizado por Zito e Rui Moreira, que não conseguiram bater o guarda-redes Luciano.

Apesar da pressão do Mocidade d'Arrábida, as melhores ocasiões pertenceram aos "estudantes", com dois remates de Batalha. Só aos dez minutos a equipa da casa criou perigo, mas Gouveia defendeu bem os remates.

No minuto seguinte, a Académica inaugura o marcador, num golo de Luisinho. O guarda-redes Gouveia lança a bola em profundidade e o atacante, num remate de primeira, concretiza. Logo de seguida, Batalha conquista o esférico na sua área e lança Luisinho, que não chega a tempo, desperdiçando o 0-2.

Até ao intervalo, a Briosas teve de sustentar a pressão da formação de Gabriel Silva. Nesta fase, Gouveia, Rui Moreira (num grande corte em cima da linha) e o poste evitaram o empate.

Na segunda parte, o Mocidade d'Arrábida entrou determinado a mudar o rumo dos acontecimentos. Vítor Hugo, aos três minutos, restabeleceu a igualdade e, logo a seguir, o Mocidade chegou à vantagem, num bom remate de Berto de fora da área.

Aos cinco minutos, o caso do jogo: Gouveia vê um amarelo e, de seguida, o vermelho directo, sem razão aparente. Os ânimos ficam exaltados e os "estudantes" desorientam-se. Nesta fase, valeu o substituto João Manuel, com duas grandes defesas. Contudo, o guarda-redes não fica isento de culpas

no terceiro golo do Mocidade, apontado por Nuno. O marcador assinalava 3-1 para a equipa da casa.

Só a partir dos 13 minutos é que a Académica volta a fazer perigo, com dois remates de Luisinho. De seguida, Benedito dispara para a defesa de Nuno Santos e, na recarga, Geninho atira por cima. A equipa criou boas oportunidades, mas falhava sempre no capítulo da finalização. No minuto 17, Tiago Teixeira isola-se, mas permite a defesa de Nuno Santos.

A dois minutos do fim, a Académica reduz a desvantagem através de Luisinho, que à boca da baliza, não desperdiça o 3-2. Até ao fim, houve apenas mais uma oportunidade de golo, mas o atacante Nuno, do Mocidade, rematou a rasar o poste.

Orabolas!

António Gil Leitão

Opinião

Está na horaaaaaaa!

"O tempo em que a Académica se destacava pelo bom futebol que praticava já lá vai..."

É certo que ainda é cedo para que se note a mais valia que os três internacionais prometidos na campanha eleitoral trouxeram à Académica, mas a verdade é que pouco ou nada se viu.

De Kennedy, viu-se a presença em campo. Pelas quedas, perdas de bola, passes errados. Dos outros, confesso que não posso opinar, porque ainda não os vi...

Mas o que mais salta à vista, de todos, é o fraco nível futebolístico desta equipa. Custa ver os noventa minutos inteiros e sem zapping ou sem ir lá fora beber um café para manter o espírito e o corpo bem acordado.

Provavelmente, dirão que sou utópico, romântico, etc. "O tempo em que a Académica se destacava pelo bom futebol que praticava já lá vai... Agora não é possível!" Pois... Mas a verdade é que esta época, além de Pedro Roma, José Castro, Luciano e pouco mais, o resto tem sido mau de mais para ser verdade!

Não há futebol na Académica! Jogam de forma desconexa, sem brilho nem chama... E feito aquilo que é tradicional no futebol português - a famosa "chicotada psicológica" - desta feita com "timing" escolhido a dedo, nada parece ter sido alterado. Nem na mentalidade, nem na postura, nem no jogo.

Se em relação a este último parece ser justo darmos tempo ao novo treinador da Académica, em relação ao resto, parece, pelas palavras do próprio, que não será de esperar grandes alterações...

E a pergunta tem que se fazer: onde nos tem levado o pragmatismo do pontinho? Ainda este fim de semana, com o F.C. Porto, a Briosas, que nada tem feito para merecer tal designação, só por sorte, ou manifesta incapacidade da equipa adversária, não perdeu o jogo.

Por muito que nos custe, a verdade é que a Académica, não sei se merece o lugar que ocupa, mas ninguém tem dúvidas que não tem feito muito para merecer muito mais...

E o que disse o novo treinador da Académica? Realçou que jogámos com o campeão nacional, europeu e mundial... O que, não sendo mentira, também não justifica tudo - quem não reparou que o F.C. Porto desta época não é o mesmo da época passada? Aliás, nem é preciso mais: todos vimos a exibição efectuada por esta "poderosa" equipa contra a Académica...

Por isso, parece-me óbvio que o grito tem que soar: Académica, está na hora de jogarmos futebol!

Académica perde com Basket Almada

A eficácia no jogo exterior da equipa de Almada decidiu o jogo, 69-81, e colocou os estudantes mais longe dos playoff

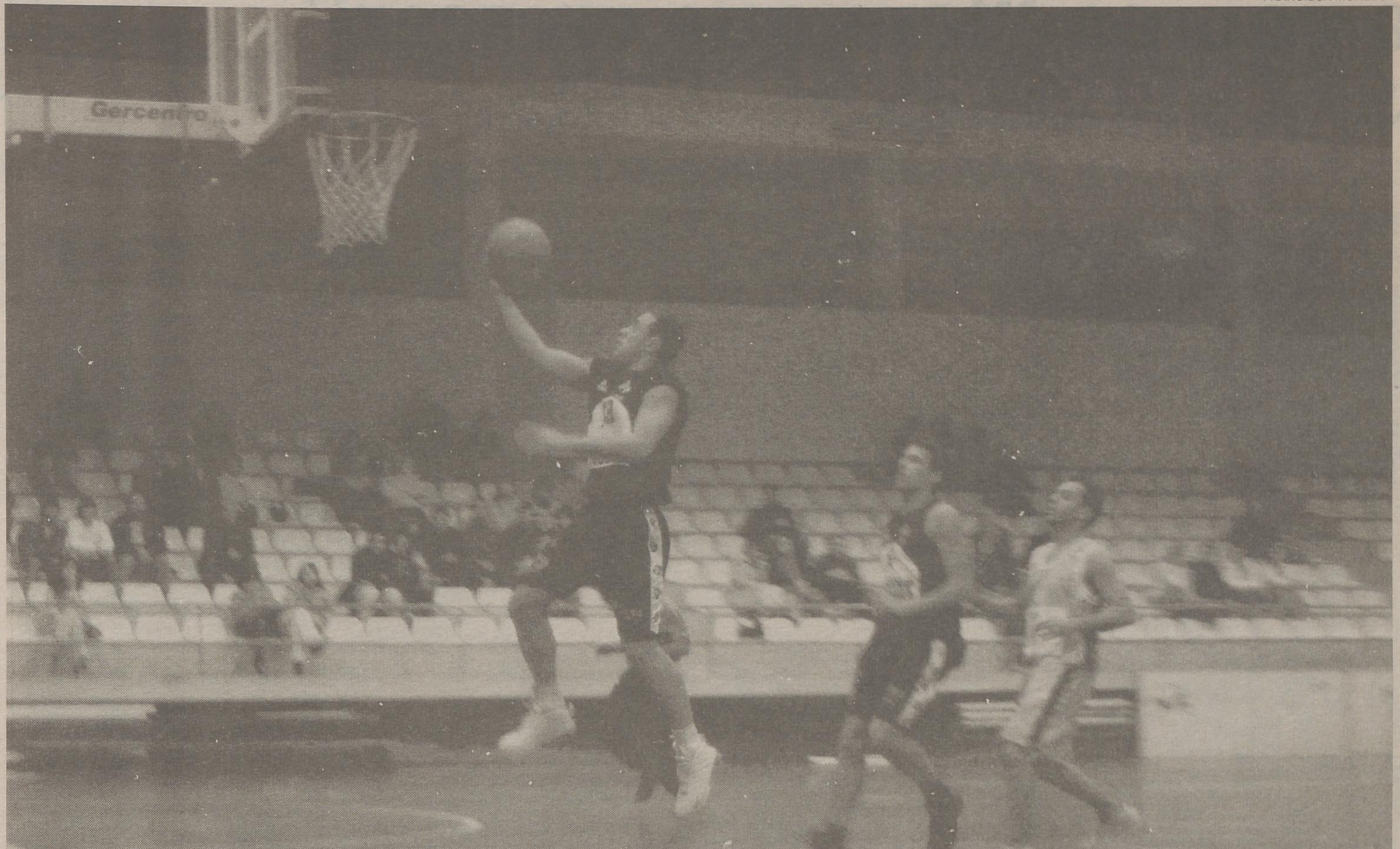
Bruno Vicente

O jogo que deu início à segunda volta do campeonato da Proliga, equivalente à 16ª jornada, não foi feliz para os estudantes que, a jogarem em casa, deixaram fugir os dois pontos que a vitória garantia.

Frente ao Basket Almada, em terceiro lugar na tabela classificativa, a Associação Académica de Coimbra (AAC), na 12ª posição, entrou em campo com Hugo Loureiro, Alexandre Pinto, Zane Gilliard, Fernando Sousa e Eduardo Santos. Note-se a presença de Alexandre Pinto no cinco inicial, um dos reforços académistas de Inverno. O outro reforço recentemente chegado a Coimbra, Alexandre Pires, começou no banco.

O primeiro período foi o mais equilibrado de todo o encontro, com as equipas a estudarem-se mutuamente, e o marcador a avançar taco a taco, culminando num 16-16, após os dez minutos iniciais. Nesta fase inicial o base Hugo Loureiro foi preponderante na organização do jogo academista.

Na abertura do segundo período, o visitante Basket Almada concretiza três triplos consecutivos e um lançamento de dois pontos, o que alterou o marcador de 16-16 para 16-27. Este parcial foi decisivo para o jogo, pois os estudantes terminaram o encontro sem conseguir recuperar esta desvantagem. Por outro lado, a eficácia da equipa visitante no jogo exterior ficou bem patente. De facto, só no segundo período, o Basket Almada concretizou sete lançamentos de três pontos enquanto que os estudantes desperdiçaram imensas oportunidades debaixo da tabela.



Hugo Loureiro foi o melhor marcador da Académica, com 19 pontos

Com o desenrolar do jogo, nada favorável à Académica, o técnico João Jaime Moutinho mexeu na equipa, substituindo Alexandre Pinto pelo outro reforço de Inverno, Alexandre Pires (que deu uma maior solidez defensiva no jogo interior da Académica), e fazendo entrar Luís Guilherme para o lugar de Zane Gilliard. Não obstante, ao intervalo, a Académica perdia por treze pontos, 30-43.

No terceiro período a equipa da casa, com Alexandre Pires a recuperar algumas bolas em ressaltos defensivos, esboçou uma recuperação, chegando a estar a seis pontos da equipa visitante (46-52), mas a Académica terminou o terceiro período com uma

desvantagem de onze pontos: 52-63. A recuperação ficou mais complicada quando a Académica viu dois dos seus jogadores atingirem as cinco faltas, e a consequente expulsão: Alexandre Pires e Fernando Sousa.

Sem dois jogadores cruciais na luta pelas tabelas (Fernando Sousa com cinco ressaltos e Alexandre Pires com oito) a Académica viu a equipa de Almada tomar conta do jogo, que, no quarto período, não só dominou os lançamentos de três pontos como também controlou a luta nas tabelas e, assim, os lançamentos de dois pontos. O resultado fixou-se em 69-81, favorável à equipa de Almada.

Na equipa da Académica destaque,

nos pontos, para Hugo Loureiro (19) e Fernando Sousa (13) e, nos ressaltos, Eduardo Santos (9) e Alexandre Pires (8).

Lutar pelo acesso ao playoff

No final da partida, o técnico academista, João Jaime Moutinho, a propósito da eficácia do jogo exterior adversário (o Almada conseguiu 42 pontos em lançamentos de três pontos) afirmou: “Os nossos jogadores mais baixos quiseram jogar sob os postes e assim arriscámos permitir lançamentos exteriores à equipa adversária”. O técnico, que considera que a vinda de dois reforços de Inverno “veio dar mais consistência e

qualidade ao grupo, que era limitado” confessa que o apuramento para os playoff é “difícil, mas ainda é possível, porque ainda faltam 14 jogos até ao final da fase regular e nós temos de pensar jogo a jogo”. cinco vitórias e 11 derrotas (conta com 1291 pontos marcados e 1345 pontos sofridos), e continua longe dos oito primeiros lugares, que dão acesso à fase dos playoff.

Nas próximas duas rondas (equivalentes à 17ª e 18ª jornada da Proliga) a equipa da cidade de Coimbra tem compromissos em casa, primeiro com o Marinhense, no domingo, e depois na recepção ao Galitos, dia 30 de Janeiro.

Râguebi volta a perder

Num jogo referente à 12ª Jornada do Campeonato Nacional, a Académica não logrou levar de vencido o “quinze” do Agronomia

Helena Paulino

Os detentores do título nacional de râguebi perderam em casa, numa altura em que se aproxima o final da fase de apuramento para os playoff.

Os “estudantes” entraram em campo na sua máxima força e nos primeiros dez minutos foram a equipa mais forte dentro de campo, estando por duas vezes muito perto de marcar ensaio, mas a defesa do Agronomia, muito forte fisicamente, conseguiu travar o ataque academista. Os lisboetas despertaram de uma ligeira apatia e aos quinze minutos, converteram um pontapé de penalidade em resultado de uma falta de um “estudante”. O jogo estava equilibrado, a Académica queria marcar pontos e, numa bonita jogada de velocidade, João Costa marca ensaio, e Hugo Gomes, com um pontapé certo, faz a transformação. A Académica entretanto perdeu ritmo e

velocidade, e o adversário aproveitou este desfalcamento para marcar um ensaio aos 32 minutos e outro, dois minutos mais tarde. Antes do intervalo, novo ataque da equipa da casa, sem ensaio, mas com a conversão de um pontapé de penalidade por Hugo Gomes. O resultado era de 10-13, desfavorável à Académica.

Com muita falta de ritmo e desfalcada de muitos jogadores essenciais, os pupilos de Rui Oliveira e João Luís entraram na segunda parte muito fracos, não conseguindo qualquer ponto. O treinador do Agronomia não se cansava de pedir ensaios, e viu o seu pedido satisfeito por quatro vezes: aos sete minutos, quinze minutos depois ainda com a conversão do pontapé de transformação, dois minutos depois o terceiro, e o último aos 38 minutos. O resultado final foi de 10-39. Ainda antes do fim da partida, um jogador da Académica viu o cartão vermelho por agressão, estando assim impossibilitado de jogar no próximo jogo.

Com muitas bolas perdidas, com a placagem pouco auxiliada, e com pouco espírito de equipa, a actual campeão nacional colocou-se com esta derrota numa posição muito complicada face à fase de apuramento do Campeonato Nacional, quando apenas lhe faltam três jogos para tudo ficar decidido.

Experiência decisiva

Um Esmoriz mais forte e, acima de tudo, mais experiente levou de vencida o voleibol da Académica que cometeu demasiados erros e foi pouco sólida nos blocos

Jens Meisel

No sábado, a Académica acabou por averbar mais uma derrota, num jogo a contar para a 18ª jornada, desta feita ante o Esmoriz, uma das equipas mais fortes do campeonato e certamente uma das favoritas aos lugares cimeiros.

O início da partida revelou-se equilibrado, sendo que a superioridade do Esmoriz apenas surgiria na ponta final do parcial e em muito graças à exibição de Orlando Filho, um espectacular rematador, que vários pontos decidiu a favor da sua equipa. Assim, o 14-25 deste primeiro jogo espelha os erros dos “estudantes” - que acabaram por falhar vários remates, e cuja defesa se viria a revelar inofensiva face ao poderio da ofensiva esmorizense - e, da parte do Es-

moriz, um bloco intransponível, bem como os potentes remates cruzados de Orlando Filho.

O segundo parcial, cujo resultado foi de 16-25, é enganador, pois os estudantes acabaram por reagir muito bem à derrota imposta no primeiro set. Recuperada a solidez defensiva, a ofensiva academista, e em especial os irmãos Sequeira, equilibraram o parcial quase até ao fim, mas os erros cometidos na ponta final levaram a que a equipa do Esmoriz beneficiasse de uma vantagem irreversível. Registo ainda para o 11-14, uma jogada fantástica em que os jogadores de ambas as equipas se multiplicaram em defesas impossíveis, ponto que havia por ser decidido a favor do Esmoriz.

Na terceira partida, a toada crescente da Académica no set anterior prometia um jogo renhido. E assim foi. Disputado até ao último ponto, a vitória acabaria por sorrir aos de Esmoriz, isto apesar da Académica ter atingido o seu potencial e ter mostrado que apesar de ser uma equipa jovem, e constituída na sua maioria por elementos da própria escola, tem ainda muito para mostrar na presente época. Fixou-se um 23-25 no set, e um 3-0 final, um resultado claro e justificado.

Nelo Vingada diz que a equipa “tem que crescer”

Nova direcção quer apostar em reforços, apesar da situação financeira



ANA MARIA OLIVEIRA

Briosa de mangas arregaçadas é o que prometem os novos dirigentes e equipa técnica

Depois da tomada de posse da direcção eleita, o novo treinador Nelo Vingada mostra vontade de trazer vitórias à Académica. Admite que a equipa está em situação “perigosa”, mas defende que a mudança de treinador costuma trazer uma maior força anímica

Bruno Gonçalves
Ana Maria Oliveira

No passado dia 23 de Dezembro foi apresentado no Estádio Cidade de Coimbra o 60º treinador da história da Académica. Depois de uma passagem pela equipa técnica como adjunto de Mário Wilson, em 1981/82, Nelo Vingada toma conta de uma equipa “numa situação perigosa”, como o próprio reconhece. O novo treinador sublinha que “por muito moralizada ou desmoralizada que a equipa esteja, obviamente que não é possível contornar esta

situação”. Contudo, julga que a posição na tabela classificativa é algo ingrata: “Por aquilo que tenho observado, e que tinha a oportunidade de ver pela televisão, parece-me que a Académica não foi feliz nalgumas situações”. Mas, apesar de tudo, afirma ter encontrado “uma equipa com vontade”.

Nelo Vingada justifica que só o facto de se mudar de treinador provoca novas motivações, e os jogadores “normalmente respondem bem”. Questionado sobre a receita para mudar a sorte da Académica, de pronto respondeu ser preciso “trabalho, treinar mais, os jogadores desinibirem-se, porque estão um pouco inibidos com esta tensão de ‘jogar cá em baixo’”. Para o técnico, “ganhar dois encontros seguidos irá claramente trazer uma nova motivação”. Nelo Vingada considera que “em termos exibicionais a equipa tem que crescer, pois ainda está longe da consistência que temos que ter”, e conclui: “Vamos ter que trabalhar”.

Nova direcção toma posse

Sexta-feira passada foi o dia escolhido para José Eduardo Simões, o líder da lista vencedora das eleições para dirigir a Académica, assi-

nar o documento que o tornou o novo presidente da Académica. “Há muitas tarefas que esta equipa renovada tem que empreender”, afirmou o dirigente, consciente das limitações económicas mas também dos objectivos desportivos. Sobre este aspecto, o novo presidente considera que o clube deve “olhar para os clubes que fazem as coisas de outra forma, conseguem poupar e rentabilizar melhor os seus investimentos”, para conseguir esse sucesso na Académica.

Um eterno problema é o das contas, e o presidente não esquece que o passivo ainda é elevado: “Cerca de sete milhões de euros, que temos vindo a diminuir aos poucos”. José Eduardo Simões afirma: “É necessário não esquecer que estamos numa situação difícil, a equipa está no fundo da tabela e temos que fazer tudo para a tirar desta posição”, referindo-se à necessidade de reforçar o plantel. “Isto irá fazer com que tenhamos que investir agora um pouco mais, mas temos de trabalhar nesse sentido”, completou.

Quanto à sua equipa, com dez vice-presidentes, afirmou: “Temos uma direcção renovada em que os suplentes não são suplentes, são tão importantes como os outros”. José

Eduardo Simões afirmou que toda a sua equipa vai trabalhar em conjunto “para uma melhor Académica”.

Fausto Pereira terá a seu cargo “uma tarefa enorme”. Será o responsável pela divulgação e aumento dos núcleos, das casas da Académica, “porque toda a gente diz que o maior património que a Académica tem são os seus contactos em todo o mundo”. Para o presidente eleito, “temos que os identificar e descobrir onde estão. É com esse património que mais podemos contar para dar um melhor futuro à Académica”.

Um dos objectivos desta direcção é a criação de um Museu Académico, tarefa a cargo de Reis Torgal: “Teríamos muito gosto em ter a Taça de 1939 em conjunto com outros troféus de futebol, basquetebol, râguebi, e de todas as outras modalidades”. O presidente eleito considera que “isso é fundamental num museu que é da Académica e da cidade”.

Outro objectivo da direcção é a edição de um novo livro da Académica, pois “aquele que temos neste momento é excelente, mas faltam lá dezoito anos de nova história, que tem de ser escrita”.

Direcção promete reforços

Bruno Gonçalves

O recém-empossado presidente do Organismo Autónomo de Futebol da Associação Académica de Coimbra, José Eduardo Simões, afirmou, depois do empate com o Futebol Clube do Porto, que “é provável” a aquisição de alguns reforços.

O presidente não adianta, contudo, nomes, mas confirmadas estão já algumas novas opções. O camaronês Clement Beaud, médio defensivo internacional, que se encontrava já em Portugal desde o início da época, não tinha ainda o certificado que permitia a sua inscrição na liga, mas foi já opção para o banco na última jornada.

Marcel, jogador brasileiro que actuava no Suwon Samsung Bluewings da Coreia do Sul, está também confirmado. A Académica têm já um enviado nas terras de Vera Cruz, o responsável pelo departamento de prospecção, com o intuito de acompanhar a vinda do avançado, que se encontra em lua-de-mel.

O treinador da Briosa, Nelo Vingada, afirmou durante os últimos dias que pretende a aquisição de mais dois ou três jogadores, para tentar fugir à situação em que o clube se encontra actualmente.

O sector mais carenciado nesta altura é o meio-campo, e é aí que se esperam algumas caras novas, depois de se ter já estreado o internacional português Kenedy, médio que actuava no Sporting de Braga.

Percursos de um treinador

Nelo Vingada, natural de Serpa, onde nasceu a 30 de Março de 1953, estava sem clube há alguns meses, depois de ter representado o Zamalek do Egipto, onde foi campeão. O agora técnico da Briosa é um homem habituado a títulos, tendo comandado não só um vasto leque de clubes como também selecções. Foi adjunto de Carlos Queiroz nas conquistas dos Campeonatos do Mundo sub-20, de 1989, em Riade, e de 1991, Lisboa. Foi também seleccionador da equipa principal de Portugal no início de 1994, ainda que só por dois jogos, na transição entre Carlos Queiroz e António Oliveira. Nelo Vingada foi seleccionador da Arábia Saudita entre 1994 e 1997, onde ganhou um Campeonato Asiático. Em 1996 conduziu a selecção olímpica de Portugal ao quarto lugar nos Jogos Olímpicos de Atlanta. Teve também uma passagem pelo Benfica em 1997/98, como adjunto de Graeme Souness, e orientou o Marítimo de 1999 a 2003.

PUBLICIDADE

Via Latina Espaços Lusófonos
Ad Libitum
Secção de Jornalismo AAC
239 821 554 | via.latina@gmail.com

Teatro académico aguarda legislativas

Instituição corre o risco de deixar de pertencer na totalidade à Universidade de Coimbra

Depois da demissão de João Maria André, o Teatro Académico de Gil Vicente recebeu a notícia de que vai arrecadar 76 mil euros do Ministério da Cultura para 2005. Uma verba excepcional que não afasta a questão: se a lei de financiamento não for alterada pelo novo Governo, a criação de uma sociedade privada pode ser a única alternativa

João Vasco

“A minha demissão é, pois, um grito de alerta face à proposta de privatização do teatro. A minha demissão é também um protesto contra a miopia de um Ministério que teima em promover uma política de desresponsabilização do Estado do seu dever de garantir, através de serviços públicos, o direito dos cidadãos à cultura e à arte. A minha demissão é ainda o exercício do direito à indignação contra a forma como a Câmara Municipal de Coimbra desrespeita, neste processo, a cultura e as artes (...)”. No dia 5 de Janeiro de 2005, João Maria André apresentava estas razões como sendo os principais motivos que o levavam a sair do cargo de director do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). Um dia depois, Francisco Paz, director-adjunto, fazia o mesmo, mas acedia, a pedido do reitor da Universidade de Coimbra, Seabra Santos, a ficar como director-interino da instituição até Abril, altura em que deve ser eleito o novo homem forte do teatro.

Os fundamentos invocados por João Maria André têm que ver no essencial com três aspectos: uma nova lei aprovada no início de 2004, que proíbe entidades públicas como o TAGV de receberem financiamento do Instituto das Artes (via Ministério da Cultura), o incumprimento da autarquia de Coimbra ao nível dos pagamentos agendados e a proposta de privatização de um teatro que pertence à Universidade de Coimbra (UC).

Entretanto, no passado dia 10 de Janeiro, surge uma nova polémica: a delegada regional do centro do Ministério da Cultura garante que o TAGV vai receber uma verba de 76 mil euros em 2005, já previamente combinada com a direcção cessante do teatro, em reunião tida em Novembro de 2004. Mas, João Maria André e Francisco Paz negam que tal garantia lhes tivesse sido dada. O actual director-interino diz mesmo: “Nós não tínhamos conhecimento de nada. O reitor também



Teatro Académico de Gil Vicente ainda com futuro indefinido

não. Só depois da nossa demissão é que isso veio a público”. Seabra Santos confirma que “apenas na sequência da demissão de João Maria André, a UC e eu fomos informados de que havia de facto essa decisão de transferir a verba a título excepcional durante o ano de 2005”.

O reitor da UC acrescenta que este é um dado que o regozija, “mas isso não nos garante um futuro mais estável”. Seabra Santos e Francisco Paz falam da necessidade de se esperar pelo resultado das eleições de 20 de Fevereiro de 2005, para se negociar com o novo executivo. O reitor é claro quando questionado sobre a matéria: “Manda a cautela esperar pelos resultados das eleições legislativas para se estabelecerem contactos, para se conseguir um nível de financiamento mais coerente e sobretudo mais estável para o TAGV. Neste momento não fecho a porta a nenhuma alternativa”.

Esta última frase de Seabra Santos levantou desde logo a possibilidade do reitor da UC ser favorável à privatização, mas o próprio faz

questão de referir: “Nunca disse a ninguém que punha a hipótese de privatização do TAGV. É uma utilização abusiva das minhas palavras. Só disse que não fechava a porta. Daí até se dizer que sou pela privatização do TAGV, é manifestamente abusivo”. Até porque, diz ainda Seabra Santos, “apesar de todas as contrariedades, a programação tem sido de excelente qualidade e tem mobilizado públicos consistentes”.

Paulo Cunha e Silva, actual presidente do Instituto das Artes (IA), refere que “a situação é preocupante”, mas irreversível do ponto de vista formal: “Apesar da minha grande estima pelas pessoas que dirigem o TAGV e, apesar de saber que é um teatro essencial para a vitalidade de Coimbra e da zona centro, temos um novo quadro de apoios, em que só nos é permitido apoiar determinado tipo de estruturas com configuração jurídica que não a do TAGV”. Quanto aos 76 mil euros falados nos últimos dias, o presidente do Instituto das Artes diz não ter conhecimento de um assunto que diz apenas respeito à tu-

tela: “O ministério deve ter sido alertado para a situação preocupante do TAGV, mas isso não tem nada a ver com o IA. Nós só tratamos dos planos de apoio plurianuais”.

Câmara garante verbas até final de Janeiro

Outra das razões invocadas por João Maria André, o atraso no pagamento por parte da edilidade coimbrã, parece que vai ser resolvida a curto prazo. Carlos Encarnação garante que “durante o mês de Janeiro a situação estará regularizada”. No entanto, o Coimbra em Blues de 2005, a efectuar-se, já não vai contar com a participação da câmara. O festival, diz Francisco Paz, “pode ou não realizar-se, depende dos patrocínios. Mas uma coisa é certa: não vai ser com a câmara”.

Da parte da autarquia, Carlos Encarnação prefere falar nas hipóteses que existem para se sair da crise: “Tal como foi feito em Aveiro e Viseu, pode ser criada uma empresa, constituída por entidades públicas ou públicas e privadas. Essa socie-

dade, que é de direito privado (mas que pode ter no seu seio entidades públicas), concorre aos financiamentos do MC e recebe-os”. Só assim se explica que o IA conceda verbas ao Teatro Aveirense e ao Teatro Viriato e que este último conte com “um orçamento dez vezes superior ao TAGV”, como refere Francisco Paz.

“A outra opção é alterar a lei”, afirma Carlos Encarnação. Apesar de este ser um assunto também relativo a Coimbra, o autarca prefere não tomar posição: “Não me devo pronunciar porque o teatro é da UC. Em relação ao futuro é uma escolha que a UC tem de fazer, não eu”.

Para já, o TAGV tem programação agendada até Abril, data em que o reitor indigitará novo director. A este respeito, Seabra Santos ainda não avança com dados concretos: “Tenho grande apreço pelo excelente trabalho realizado pelo dr. João Maria André, mas para já não posso adiantar mais nada. Em Abril estarei em condições de encontrar uma solução definitiva para os destinos do TAGV”.

RUI VELINDRO

Cinema da melhor colheita

Sofia Coppola, Pedro Almodóvar, Wong Kar-wai, Andrew Jarecki e outros realizadores de renome em desfile no Teatro Académico de Gil Vicente, este mês e no próximo

Daniel Boto

Depois do ciclo de cinema decorrido na primeira semana deste ano, intitulado "Olhares sobre o médio-oriente", do qual constaram alguns dos mais consagrados exemplos da cinematografia não europeia, como "Intervenção Divina", de Elia Suleiman (França/Palestina, 2002), segue-se o "Ciclo de Cinema Vintage", de 24 a 29 de Janeiro, organizado pelo "Fila K.cineclube" e pelo TAGV.

A primeira parte desta iniciativa arranca com o último filme de Sofia Coppola, "O amor é um lugar estranho" ("Lost in translation", EUA/Japão, 2003), premiado com o Óscar de Melhor Argumento Original, e termina no dia 29 com o polémico documentário de Andrew Jarecki, "Os Friedman" ("Capturing the Friedmans", EUA, 2003). "American Splendor" (EUA, 2003), de Shari Springer Berman e Robert Pulcini, estará em cena no dia 26. O terceiro filme do ciclo, a exibir no dia 27, será o último trabalho de Pedro Almodóvar, "A má educação" ("La mala educación", Espanha, 2004).

Para a segunda e última parte do "Vintage", previsto para as primeiras semanas de Fevereiro, está planeada a exibição, entre outros, de "2046", recente filme do realizador chinês



Teatro Académico brinda Coimbra com os melhores filmes de 2004

Wong Kar-Wai (2004) – na sequência de "Disponível para amar", de 2000 – e do premiado documentário "Etre et avoir" (2002), do francês Nicolas Philibert, retrato de uma escola primária na França rural.

Grande parte destes filmes foi premiada pelo público e por algumas das mais conceituadas instituições de atribuição de galardões cinematográficos. Os mais recentes contam, para já, com várias nomeações, constituindo obras promissoras no âmbito da cinematografia mundial, a diversos níveis e segundo vários géneros.

A escolha da programação recaiu sobretudo em critérios de actualida-

de e de reconhecimento, mas também foi condicionada por factores externos: "Escolhem-se os filmes em função da disponibilidade das distribuidoras", explica Paulo Granja, membro do "Fila K" e um dos programadores, juntamente com Sandra Resende, responsável dos serviços artísticos do TAGV.

A questão da distribuição é um factor determinante na selecção dos filmes, já que se torna difícil o aluguer de películas fora do circuito actual ou de filmes particularmente requisitados por outras instituições ou empresas de exibição. Deste modo, ou por motivos semelhantes, alguns filmes ficaram para trás e tiveram de

ser preteridos em função de outros.

As escolhas acabam por contemplar cinematografias muito diversas, desde o "cinema de autor" espanhol ao romance futurista de Wong Kar-Wai, passando pelo documentário, pela crítica social e pela ficção. Filmes diferentes para um público variado que, apesar de tudo, não é muito numeroso. Segundo Paulo Granja, "os últimos números apontam para cerca de 70 espectadores por sessão", num espaço com 773 lugares. É, no entanto, um valor crescente, atendendo a propostas de programação similares e que pode indicar um público cada vez mais participativo em números e em interesse.

Malabarismo regressa ao Inatel

Promover o contacto de jovens malabaristas com material utilizado nesta arte antiga e o convívio entre os praticantes é o objectivo da Malabartes – Oficina Permanente de Malabarismo.

A associação cultural Encerrado para Obras reabriu este espaço na passada quinta-feira, no Teatro do Inatel, e pretende dar continuidade ao projecto iniciado em 2003. David Cruz, director artístico da Encerrado para Obras, explica que, na primeira temporada, a iniciativa foi "um sucesso" e espera que esta nova fase volte a ter "muita adesão". David Cruz acrescenta que "cerca de 60 a 70 por cento dos participantes na primeira fase eram estudantes erasmus" e que a tendência parece continuar uma vez que "já apareceram alguns no passado dia 13".

A oficina vai também voltar a dar formação a crianças e jovens a partir dos 10 anos de idade. O director artístico afirma que na temporada passada algumas crianças "já eram capazes de manobrar três bolas".

A companhia não apresenta espectáculos de malabarismo, mas tem vindo a introduzir a arte nas peças de teatro. A maior dificuldade da Encerrado para Obras no desenvolvimento desta técnica prende-se com a falta de verba para adquirir material. Na tentativa de resolver a situação, o grupo propôs à Câmara Municipal de Coimbra fazer algumas performances de rua, em troca de um apoio financeiro para adquirir material, mas ainda não houve uma resposta.

O Malabartes não tem fins lucrativos, pelo que a entrada é grátis. Todos os que queiram aprender a arte do malabarismo, ou desenvolver as suas técnicas, podem aparecer no Inatel às quintas-feiras entre as 18h e as 20h.

Um espectáculo ao som do corpo

"K'mê Deus" junta em Coimbra a dança e a sonoridade cabo-verdianas misturada por uma improvisação instrumental de cordas

Rosa Ramos

O Teatro Académico de Gil Vicente recebe no dia 28 de Janeiro, pelas 21h30, o espectáculo de dança "K'mê Deus", interpretado por António Tavares em conjunto com os músicos Bau, Voguinha e Hernâni.

A trabalhar há já algum tempo com a cultura africana, em programas de intercâmbio artístico e cultural, a GESTO – uma cooperativa cultural sediada no Porto – desafiou António Tava-

res a inventar e organizar um espectáculo "a partir da sua própria personagem: um homem de Cabo Verde, mas que ao mesmo tempo é de todo o lado", explica José Paiva, membro da direcção da GESTO.

A ideia base do espectáculo é a mistura de culturas, a ideia de que "uma pessoa pode ter várias vidas, várias personalidades. A própria cultura cabo-verdiana incide sobre uma multiplicidade cultural", diz José Paiva. O espectáculo coloca esse problema em palco na pele de António Tavares, que interpreta o personagem K'mê Deus.

Uma ilha imaginária é o cenário que enquadra esta peça, onde o personagem principal é um louco que pretende ser Deus (de onde surge o nome – K'mê Deus), e que vive da vontade utópica de reconciliação entre os homens.

K'mê Deus imigra para uma ilha e tenta criar ligações com os nativos, que se dividem em três grupos: Azul, Magenta e Amarelo. Para

além de terem cores distintas, cada grupo tem a sua própria dança, o que torna difícil a integração de K'mê Deus. Depois da rejeição dos habitantes da ilha, que não se reconhecem nos desenhos e pinturas do "intruso", a única saída é o isolamento, que acaba por levá-lo à insanidade.

Abandonado e sem possibilidade de integração na ilha dos homens, K'mê Deus é acolhido por uma mulher sem rosto e sem história, num espaço sem tecto e com paredes altas. Aqui o personagem tem a liberdade de desenhar e pintar a cidade sem ser hostilizado. Nos seus desenhos e pinturas, K'mê Deus idealiza os homens e busca um símbolo de reconciliação. Símbolo que é concluído após ter sido redesenhado, aperfeiçoado e repetido por toda a cidade.

A berma de um passeio é o último destino de K'mê Deus, que é brutalmente atropelado por um condutor, que foge deixando ali o corpo. Quando o cadáver é recolhido resta apenas uma

coisa, o símbolo de K'mê Deus.

A essência do espectáculo reside na "tentativa de compreender o que cada um é, e o que somos todos", explica José Paiva, que continua: "O actor interpreta vários personagens, o que transmite a ideia de que dentro de nós existem várias pessoas. K'mê Deus é inspirado num personagem real, estudado e acarinhado pelo autor".

O espectáculo, que reúne a tradição e o contemporâneo, é inédito em Portugal. Vai estreiar no Porto no dia 25 de Janeiro, em Coimbra no dia 28 e no dia 29 de Janeiro sobe ao palco em Tondela.

Concebido por António Tavares e Leão Lopes e incluindo a música ao vivo de Bau Voguinha e Hernâni, "K'mê Deus" é um espectáculo de "um abraço de amizade entre pessoas de sítios diferentes, mas que partilham os mesmos problemas e as mesmas experiências", conclui o director da GESTO.

SEXTA
Informática Multimedial Lda
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

“Este disco é quase uma energia da nossa geração”

Coimbra assistiu na última sexta-feira ao início das “Sessões de Inverno” dos Mão Morta, destinadas a apresentar ao vivo “Nus”, o último álbum de originais da banda. Uma viagem à Braga dos anos oitenta

Carina Fonseca
Marta Poiares

Momentos antes do concerto inaugural das “Sessões de Inverno”, A CABRA esteve nos bastidores do Teatro Académico de Gil Vicente, para uma conversa com o vocalista Adolfo Luxúria Canibal. Em ambiente descontraído, desvenda-se mais um pouco do universo singular dos Mão Morta.

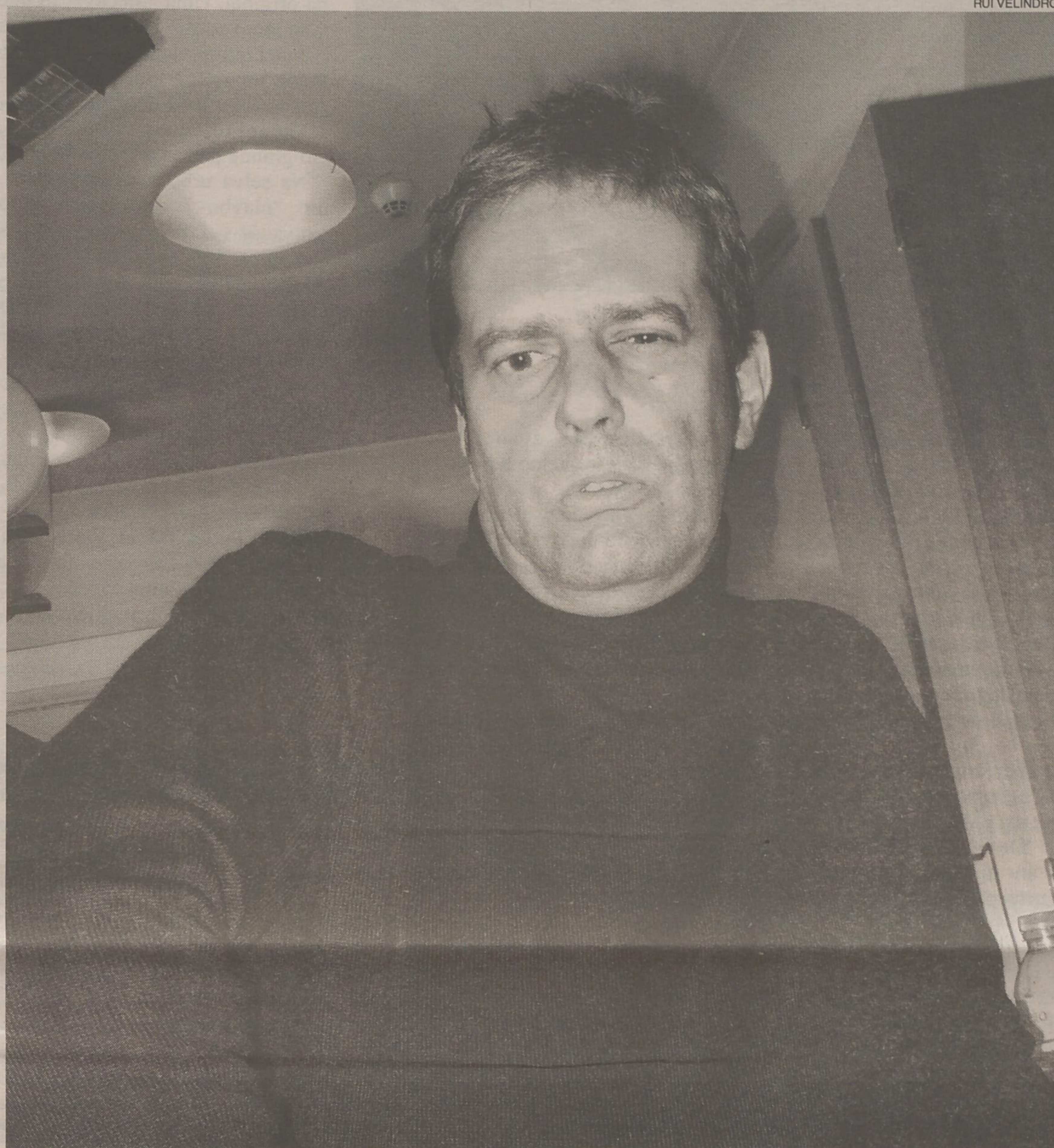
“Nus” foi editado em 2004, ano em que os Mão Morta completaram vinte anos. Já afirmou que, apesar disso, o álbum não constitui uma retrospectiva. Que caminhos novos explora este “Nus”?

O novo álbum foi efectivamente editado no ano em que fizemos vinte anos, mas por mera coincidência – o disco estava pensado para sair no ano anterior, e só não saiu porque houve um processo complicado de editoras que acabou por sair gorado. Acabámos por ter de ser nós com a nossa editora a fazer sair o disco. É um disco que vejo na continuidade do que os Mão Morta vêm fazendo, sobretudo nos últimos tempos. Trabalha a incorporação das guitarras dentro da electrónica. Acho que o que o disco traz – não propriamente de novo, mas de uma forma mais conseguida – é a junção, o casamento entre as palavras e a música. Finalmente é um disco em que não há uma sobrevalorização de uma ou de outra. Há discos de Mão Morta em que isso sempre se procurou, mas há alguns em que a parte musical é mais conseguida, a parte das palavras menos conseguida, outros em que acontece o oposto. Neste, acho que foram ambas conseguidas, a coisa funcionou como um bloco uno. É esse o grande trunfo do “Nus”.

Por falar em palavras, o ponto de partida do “Nus” foi precisamente um poema, o “Uivo” de Allen Ginsberg, que é mais ou menos contemporâneo da Beat Generation. O que une os Mão Morta a esta Beat Generation?

Nada (risos)... O “Uivo” foi o pontapé de saída para a tal Beat Generation. Foi o primeiro poema público do Ginsberg, cuja primeira leitura criou um grande “sururu” nos meios literários da época e cuja primeira edição foi apreendida por obscenidade. Mas é só pela marginalidade que podemos criar um paralelismo com a Beat Generation e com os Mão Morta ou com a geração de onde os Mão Morta provieram. No fundo, foi isso que nos levou ao “Uivo”, porque este disco é quase uma energia da nossa geração.

Portanto, “Nus” é mesmo uma



“É redutor pensar que só narramos a decadência”

viagem à geração bracarense de inícios dos anos oitenta. Há a intenção de “despir” essa geração?

O termo “Nus”, fomos buscá-lo à última palavra do primeiro verso do “Uivo”. Mas a ideia não foi propriamente despir a geração, e sim mostrar um bocado as nossas origens ou regressar para onde surgimos para definitivamente dizer adeus e, sobretudo, dizer adeus às pessoas que já cá não estão. No fundo, é a despedida da nossa geração que começa a desaparecer, já temos todos um bocado de anos a pesar-nos em cima. É normal que o ritmo da vida comece a fazer desaparecer as pessoas. Foi uma espécie de homenagem de despedida aos que entretanto ficaram pelo caminho.

Como é que define este álbum?

Numa só palavra – ou em duas, ligadas por hífen (risos) – chamaria um “poema-sonoro”. Acho que é sobretudo isso.

O álbum conta com algumas colaborações – Miguel Guedes (Blind Zero), Marta Ren (Sloppy Joe) ou Pedro Laginha (actor). Como se proporcionaram?

Era um grupo de pessoas que conhecíamos – o Pedro Laginha tinha participado num vídeo nosso, o Miguel Guedes é colega de profissão há pelo menos dez anos – e que tinham características vocais que serviam exactamente para aquilo que nós queríamos, naquelas condições. A Marta Ren, não a conhecíamos pessoalmente,

apenas as suas capacidades vocais. Quando precisámos de uma voz feminina para o tema, lembrámo-nos da dela.

As editoras “tinham medo que o disco fosse um grande fiasco”

Há pouco falou do problema que houve com as editoras, o disco ofereceu algumas resistências. Encontra alguma razão para tal?

Não, a grande desculpa é o facto da crise assolar o mercado discográfico – que é real, mas que é sempre uma desculpa irritante. Os Mão Morta proporcionavam uma garantia de que havia algum público que, pelo menos, dava para cobrir as despesas. Mas, o que é certo é que fomos recusados por todas as editoras a que batemos à porta. Tinham medo que o disco fosse um grande fiasco. Mas acabou por se revelar um objecto verdadeiramente comercial, o que só nos deu razão e deixou-nos cheios de contentamento, porque tivemos de nos empenhar todos, não só em termos de força anímica, mas também em termos financeiros. Ainda bem que correu bem, porque se calhar hoje já estaríamos presos se tivesse corrido mal (risos).

Considera-se um “outsider”, de alguma maneira?

Relativamente à geração de onde os Mão Morta surgiram, sim... É uma geração marginal de uma cidade conhecida pelas suas posições próximas

da Igreja Católica, se não confundidas com ela. É uma cidade de tradição familiar, de maneira que um grupo que renega as suas origens e que faz um mundo à parte dentro da própria cidade é perfeitamente marginal. Considero isso altamente positivo.

Como já referiu, os Mão Morta têm influências literárias. Até que ponto considera importante o cruzamento de artes?

Não considero importante em termos absolutos – para os Mão Morta é importante. É a nossa grande fonte de inspiração, o grande leit-motiv, a grande força quando vamos trabalhar um disco e sobretudo porque vivemos todas vidas separadas. É mesmo a literatura que nos une.

Recentemente foi publicada uma biografia dos Mão Morta: “Narradores da Decadência”. Concorda com o título?

Sim, é um título de Vítor Junqueira, retirado de uma peça jornalística do “Blitz”, que, salvo erro, se referia ao “Primavera de Destroços”. Funciona como título, independentemente de ser verdade ou mentira. Tem força, cria apetite.

Efectivamente, fazemos narrações mais ou menos clássicas, mais ou menos experimentais, e a decadência faz parte dessas narrações, quanto mais não seja a decadência do sistema económico, político e social. Mas é redutor pensar que só narra-mos a decadência.

Em palco...

Rui Pestana

Opinião

Noivas indecisas

“Noivas”

De Cleise Mendes

A Escola da Noite

Com Helder Wasterlain,

Maria João Robalo e

Sofia Lobo

Oficina Municipal do

Teatro

Terça a sábado, às 21h30

Até 29 de Janeiro

A noiva entra na igreja deslizando ao som da Marcha Nupcial. Naqueles últimos metros ninguém sabe que debaixo do vestido de pureza escorre um fio de suor. Um arrepiar de incertezas que acompanha o andar majestoso e o sorriso treinado vezes sem conta. Como um hímen, ela é o centro de todas as atenções. Todos estão felizes. Ela está feliz e cumpre o que é esperado. Agora já é tarde demais.

“Noivas” recua um pouco no tempo e a acção centra-se em torno de duas mulheres num atelier de costura. Neste espaço, em que se vai tecendo o vestido de noiva ao mesmo tempo que se constroem sonhos, a noiva, Dora, e a costureira, Lia, lançam-se em escolhas e relançam dúvidas. Ao longo de cerca de quarenta minutos de teatro, a escolha do modelo para o vestido de noiva é o pretexto para uma leve reflexão sobre aquilo que é esperado de nós e o que realmente queremos.

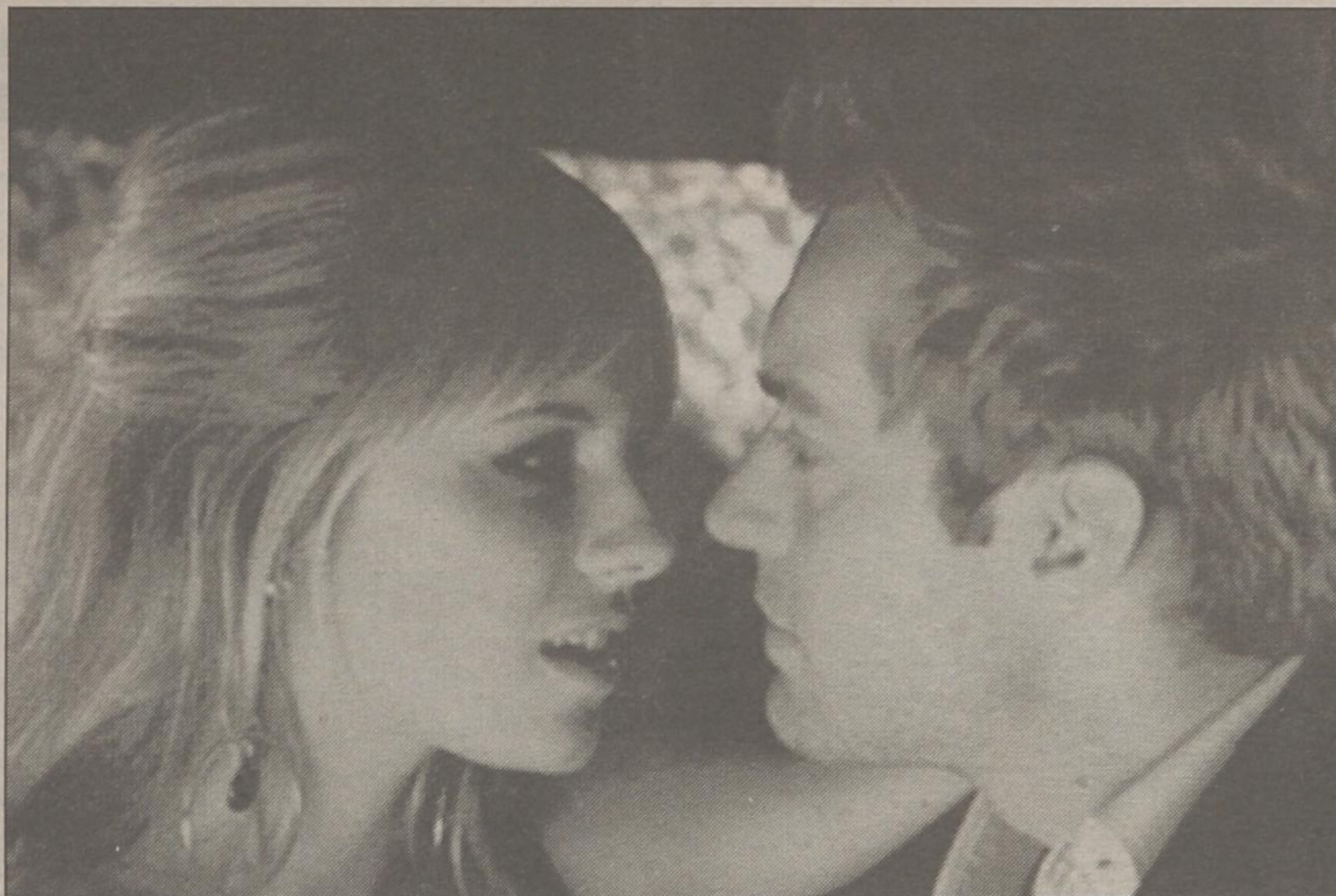
Com alfinetes e argumentos soltos Lia espicaça a jovem noiva a reflectir sobre a instituição que é o casamento e os valores que a sociedade colou à figura feminina. Uma reflexão auxiliada por variados simbolismos e dogmas que se quebram à medida que a costureira termina o seu trabalho. De facto, a peça gira em torno do vestido e o próprio noivo pode ser entendido como um acessório (quando se compra um vestido de noiva oferecem grátis um noivo para o levar ao altar).

É sem dúvida uma escolha importante e difícil. Escolher um vestido de noiva pode ser como edificar um arranha-céus. À medida que se tiram as medidas, se escolhe o tecido e se ajusta a bainha, vão-se também construindo sonhos. Qualquer milímetro pode ser decisivo e a mais pequena incerteza pode significar o desabar de um sonho. É que quando os sonhos desabam são pesados como betão.

Ninguém nota, mas enquanto desliza pela passadeira vermelha a noiva carrega consigo dois sonhos. À frente vai o sonho de uma nova vida, o sonho que as rosas brancas do átrio da igreja não mais esmoreçam. Atrás vai o peso de viver o sonho dos outros.

Em “Noivas”, Lia faz-nos ver que só é possível viver um desses sonhos. Cabe às “Noivas” decidir ao espelho se é mesmo aquele o seu sonho ou se estão dispostas a viver debaixo de um véu.

Vê-se...



Law, o moderno sedutor

Quatro décadas depois de Michael Caine, Jude Law retoma a personagem de "Alfie", um típico homem independente, perseguidor do "my life is my own" e que assenta no charme e na sedução o seu modo de vida. Em tudo o que faz e pensa, as mulheres estão sempre presentes. Nada interessa para Alfie, para além do prazer sexual e, de um modo geral, da procura do sucesso.

Enquanto percorre os espaços de Manhattan, acompanhado por placards com as palavras "Search", "Wish" ou "Desire" inscritas, Alfie estabelece um diálogo permanente com o espectador. Esse carácter de proximidade, juntamente com a constante rotação das imagens, é, aliás, fundamental na dinâmica do enredo. Porque o que importa, para a personagem central, é mesmo viver um momento, sem pensar no seguinte.

Porém, as características da narrativa de "Alfie" não pedem inter-

pretações (porque elas estão lá), mas sim papéis. Não incluo aqui o olhar terno de Marlon, o melhor amigo de Alfie, que vemos perto do final, nem sequer a aparição de Susan Sarandon. Falo do desajustado chinês paranóico, da descrição brusca e desequilibrada do círculo social da personagem de Law e da falta de profundidade nas presenças de Julie, a semi-namorada de Alfie e também de Lonette (pese o talento, respectivamente, de Marisa Tomei e de Nia Long).

Nesse sentido, podemos dizer que o filme é vítima da sua própria dinâmica e que a aprendizagem do amor, feita por Alfie, está sempre longe do espectador.

Não sabemos do que somos capazes, até ao momento em que começamos a amar. Tão trivial como o lema de "Alfie", é constatar o modesto poder de realização patente no remake de Charles Shyer. Esta é uma obra, essencialmente, para os fãs do criminoso em "Road to Perdition". **Tiago Almeida**

Como um manequim oco

Apresente-se Alfie: demasiado previsível, sem profundidade e nada original. Uma adjectivação que vale tanto para o filme, como para o papel interpretado por Jude Law. Podia ter sido a grande confirmação do actor britânico mas não passa de um tiro que passou ao lado, em grande parte por culpa própria.

Na selva urbana de Manhattan, um "playboy" descomprometido cativa as suas presas com olhares sedutores. Alfie traz nos bolsos tudo o que precisa pois é dono da sua própria vida. Mas a personagem de Jude Law vai descobrir o amor e o valor da amizade... E pronto. "Alfie a as Mulheres" não passa de uma ideia feita e oca que estende por duas horas.

Quase toda a película desenrola-se num clima de pretensa simplicidade com o espectador. O realizador, Charles Shyer, optou por colocar Jude Law como narrador onnipresente. Uma opção que, não sendo original, também pode-

ria ter sido mais interessante. Enquanto personagem, Alfie dirige-se muitas vezes como narrador em discurso directo. Uma técnica que cria lapsos temporais de forma a sussurrar nova informação.

A verdadeira intenção de Charles Shyer seria talvez aproximar-se um pouco de Woody Allen em Annie Hall. Exemplo: na fila para o cinema, Woody Allen não consegue deixar de ouvir uma conversa sobre Marshall McLuhan. Enervado, o comediante abre uma nova dimensão no filme quando traz para a película o verdadeiro Marshall McLuhan. O confronto, do espectador e do estranho, com o académico cria um corte na estrutura narrativa que é claramente uma mais valia.

O problema é que "Alfie a as Mulheres" é tão vazio que nunca há nada de verdadeiramente novo para dizer. Charles Shyer e Jude Law pouco conseguem acrescentar às imagens e à pobre estrutura narrativa. **Rui Pestana**

Alfie e as Mulheres /

Gustavo Sampaio	Pouco mais que mero entretenimento	🐾
Jorge Vaz Nande	Uma espécie de "Sexo e a Cidade" no masculino, que transpõe o antigo pela caricatura sem saber reformulá-lo	🐾🐾
Rui Pestana	Podia ter sido a grande confirmação do actor britânico mas não passa de um tiro que passou ao lado	🐾🐾
Tiago Almeida	"Alfie" é vítima da sua própria narrativa: lúdica e dinâmica, mas líquida no seu objectivo	🐾🐾
A evitar 🐾 Fraco 🐾 Podia ser pior 🐾🐾 Vale o bilhete 🐾🐾🐾		
A Cabra aconselha 🐾🐾🐾 A Cabra d'Ouro 🐾🐾🐾🐾		
Todas as críticas em acabra.net .		

Navega-se...

Abandonia

Todos os jogos têm o seu tempo de vida, alguns mais curtos outros mais longos e outros nem chegam a ser conhecidos. Mas há quem goste de os lembrar, tanto os considerados clássicos como os esquecidos. No sítio Abandonia é possível encontrar jogos para o PC ainda do tempo do DOS. Este sítio serve como depósito de jogos considerados abandonware (software antigo já em domínio público ou que já é impossível de encontrar para venda e os editores já não exigem direitos comerciais sobre eles). Somos recebidos na página das notícias, a partir daqui podemos navegar até aos arquivos, fóruns, créditos sobre a construção do sítio ou à página de contactos. Também é possível navegar através da lista de jogos existentes. Para isso basta escolher o tipo de jogo que se procura (acção, aventura, estratégia, desporto, entre outros). Para quem já não possui o software necessário para correr alguns destes jogos há secções com utilitários, drivers e disquetes de arranque para que os jogos funcionem. É possível ouvir a música dos jogos na secção de música.

<http://www.abandonia.com>

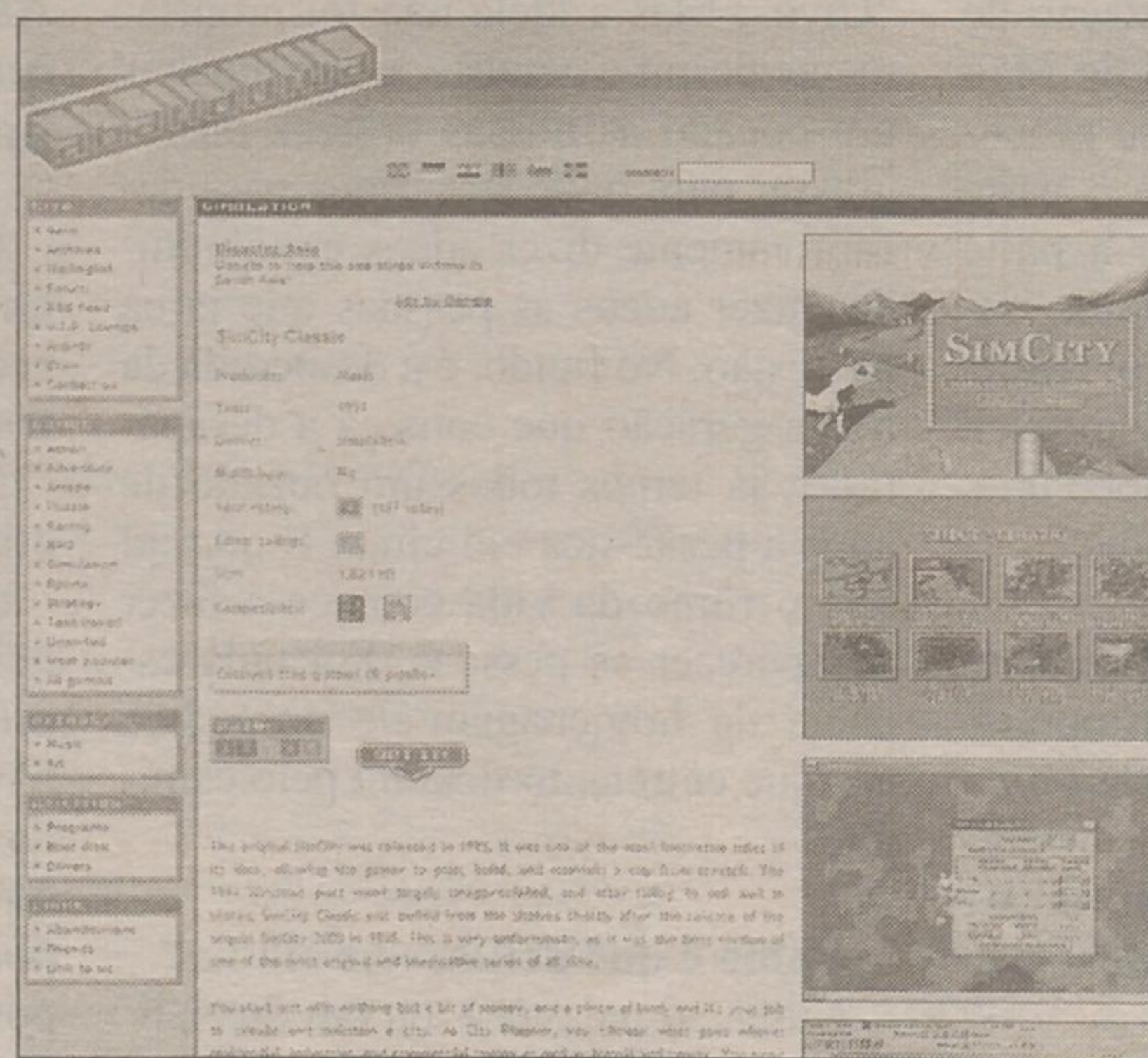
Sala dos Mapas

Este blog é temático e dedica-se à cartografia. Este sítio pode servir de ponto de partida para uma viagem interessante pelo mundo dos mapas. Há críticas a livros sobre cartografia, espaço para perguntas e respostas acerca de mapas, ligações a outros sítios na Internet com informação sobre este tema e ainda há espaço para a ligação entre política e cartografia. Um dos posts interessantes do mês de Dezembro inclui ligações para duas animações que mostram a informação geográfica sobre o tsunami que afectou o oceano Índico.

<http://www.mcwetboy.net/maproom/>

A barraca das imagens

Há muitos sítios disponíveis para se construir blogs mas, infelizmente, a maior parte deles não disponibiliza espaço para se colocar imagens. Claro que esta lacuna iria ser preenchida mais tarde ou mais cedo. É aqui que surge este serviço da imageshack. Aqui é possível colocar imagens (até um máximo de 1024Kb) e logo depois a página indica-nos as ligações que temos



Jogos antigos

"Abandonia"

www.abandonia.com

de colocar no nosso blog ou sítio para que a imagem fique visível. No caso de querermos um serviço mais personalizado é possível fazer um registo de modo a termos acesso a uma lista de todas as imagens que já colocamos no imageshack, bem como ter a possibilidade de as remover do sítio, entre outras coisas. Este registo é gratuito.

<http://www.imageshack.us/>

Relógio Humano

O relógio humano é um projecto que pretende ter imagens de todas as partes do mundo a mostrarem a hora do momento. As imagens mudam de minuto a minuto e mostram sempre um indicador das horas e minutos algures. Para cada minuto do dia há sempre várias imagens disponíveis e pode-se alternar entre elas. Agora começou um projecto novo que é o calendário humano, basta enviar uma foto com uma data a mostrar mais tarde.

<http://www.humanclock.com>

Lê-se...



Mário de Sá-Carneiro
“O Incesto”
Ed. Rolim, 1987.

8/10

Golpe d’asa

A história de Mário de Sá-Carneiro é breve, sendo o tempo cronológico que habitou contraditório com a angústia e loucura que sentia, dores que tornaram como plausível um único caminho: o suicídio. Amigo de Fernando Pessoa, que se vê impotente perante a redoma do peso de existir do amigo – ele que de modo sublime escreveu esse peso –, Mário de Sá-Carneiro morre aos vinte e cinco anos de idade. A morte precoce aliada ao acervo de escritos que nos deixou constituem dois extremos em que figura a sua genialidade.

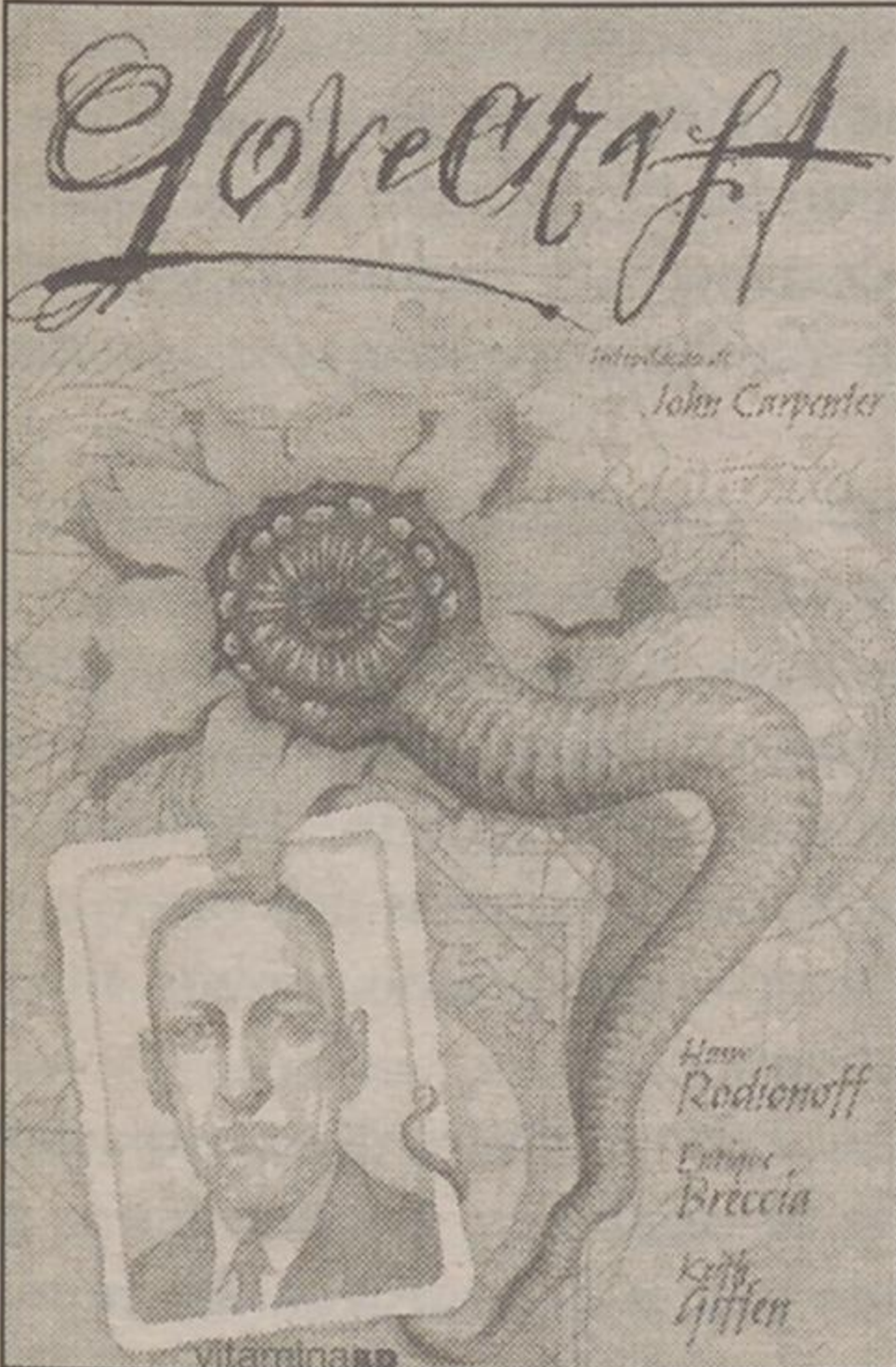
“O Incesto”, livro escrito aos vinte e dois anos, traduz de modo literal a interioridade trágica do escritor, cujas reflexões (sobre a arte, educação, suicídio) alternam com a história dramática de um autor dramático, sendo clara a aproximação entre a vida real de Sá-Carneiro e a da personagem.

Luís de Monforte é um famoso autor dramático que encontra a felicidade suprema quando constitui família com Doida, actriz de cabelos fulvos, cujo mistério, beleza e fama a deificam. Doida, Júlia Gama, um dia desaparece com um recente amante, deixando apenas um breve e distante bilhete ao marido, no qual pedia perdão e lhe deixava a filha, Leonor, de dois anos. Começa aqui a tragédia de Monforte. Entregando-se à filha, recusando qualquer companhia feminina, Luís zela pela educação e inteligência da pequena e, no mesmo lance redentor, refugia-se na arte. Temos, neste momento, a primeira reflexão extensa de Sá-Carneiro, acerca da função redentora da arte: “O prazer de criar avanta-se a todos. Em frente da arte, o artista esquece. A sua dor, se não se cura, suaviza-se pelo menos. A arte é um refúgio. Eis a sua única utilidade (...) É que a arte, é também no fundo um “brinquedo”. Os homens são crianças eternas”.

Monforte consegue de novo criar uma estabilidade feliz, embora o autor não se canse de repetir o bálsamo que é sofrer e lamentar a nossa sorte. Leonor é uma rapariga bonita, educada, inteligente e diferente da maioria das raparigas da sua idade, educadas em moralismos hipócritas. Mas depressa, a vida dá um golpe: Leonor, de casamento marcado, aparentemente dona de um futuro feliz e o orgulho do pai, adoece e é levada para um sanatório na Suíça, acabando por morrer já em casa. Neste sanatório, conhece Cristiano Ussing que fica atordoado com a semelhança da rapariga à sua irmã, Magda. Com a morte da filha, a arte já não serve de porto de abrigo para Monforte, que inicia uma deambulação pelo estrangeiro em busca das memórias daquela. Acaba por voltar ao sanatório, onde conhece Magda. Com a morte de Cristiano, Monforte desposa Magda, retrato fidedigno de Leonor. De golpe em golpe, a loucura latente de Monforte sobrevém, misturando amor, raiva, imagens da doce e bela filha que perdera, com aquele corpo-desejo que mordida em ansiedades. Luís quer pôr um fim a toda aquela tragédia e começa em si a crescer a vontade de a matar.

Andreia Ferreira

Desenha-se...



Hans Rodionoff, Keith Griffen e Enrique Breccia
“Lovecraft”
Vitamina BD, 2004.

9/10

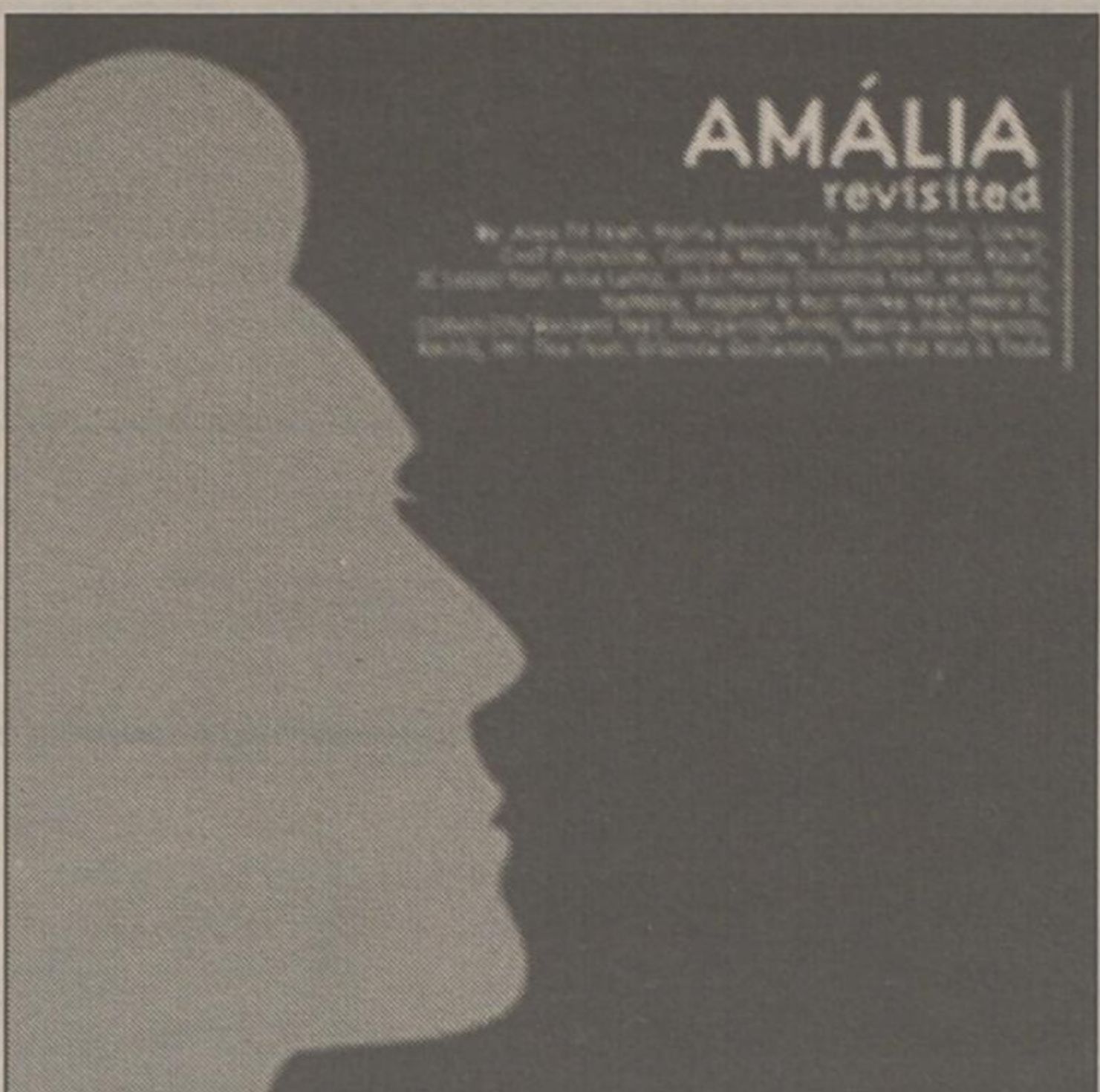
Tributo ao horror

O Necronomicon, Cthulhu ou a cidade de Arkham, habitada por grotescos seres, são algumas das criações máximas de Howard Phillips Lovecraft, um dos autores americanos de culto de obras literárias de terror, apontado muitas vezes como o directo sucessor de Edgar Allan Poe. A obra “Lovecraft” centra-se sobretudo em mostrar a conturbada vida do escritor. Filho de Winfield Lovecraft, que após um ataque de loucura foi internado num hospício onde permaneceu até à sua morte, e de Sarah Lovecraft, que insistia em vestir o filho de rapariga, H.P. Lovecraft foi possuído desde a infância até à sua morte pelos mesmos ataques de loucura que atingiam o seu pai. Ambos não conseguiam fazer a distinção entre realidade e ficção, e o escritor foi continuamente assombrado, na sua realidade, pelas suas próprias criações. Ape-

nas a sua mulher o conseguia fazer esquecer, ocasionalmente, as suas ilusões. Através de mudanças drásticas no estilo de desenho, na composição das páginas e na narrativa, o livro relaciona de forma genial os dois mundos – real e ilusório – que Lovecraft habitava. Com introdução do realizador John Carpenter e traduzido para português por Fernando Ribeiro (vocalista da banda Moonspell), a obra dos argumentistas Rodionoff e Griffen, juntamente com a arte do conceituado artista argentino Enrique Breccia, resulta assim não só num tributo ao grande escritor que foi H.P. Lovecraft, como também numa história acerca dos efeitos da insanidade e do amor no homem, numa das melhores novelas gráficas que actualmente se encontram disponíveis.

José Miguel Pereira

Ouve-se...



Vários Artistas
“Amália Revisited”
Difference, 2004.

7/10

“Fado” para quem não gosta de fado

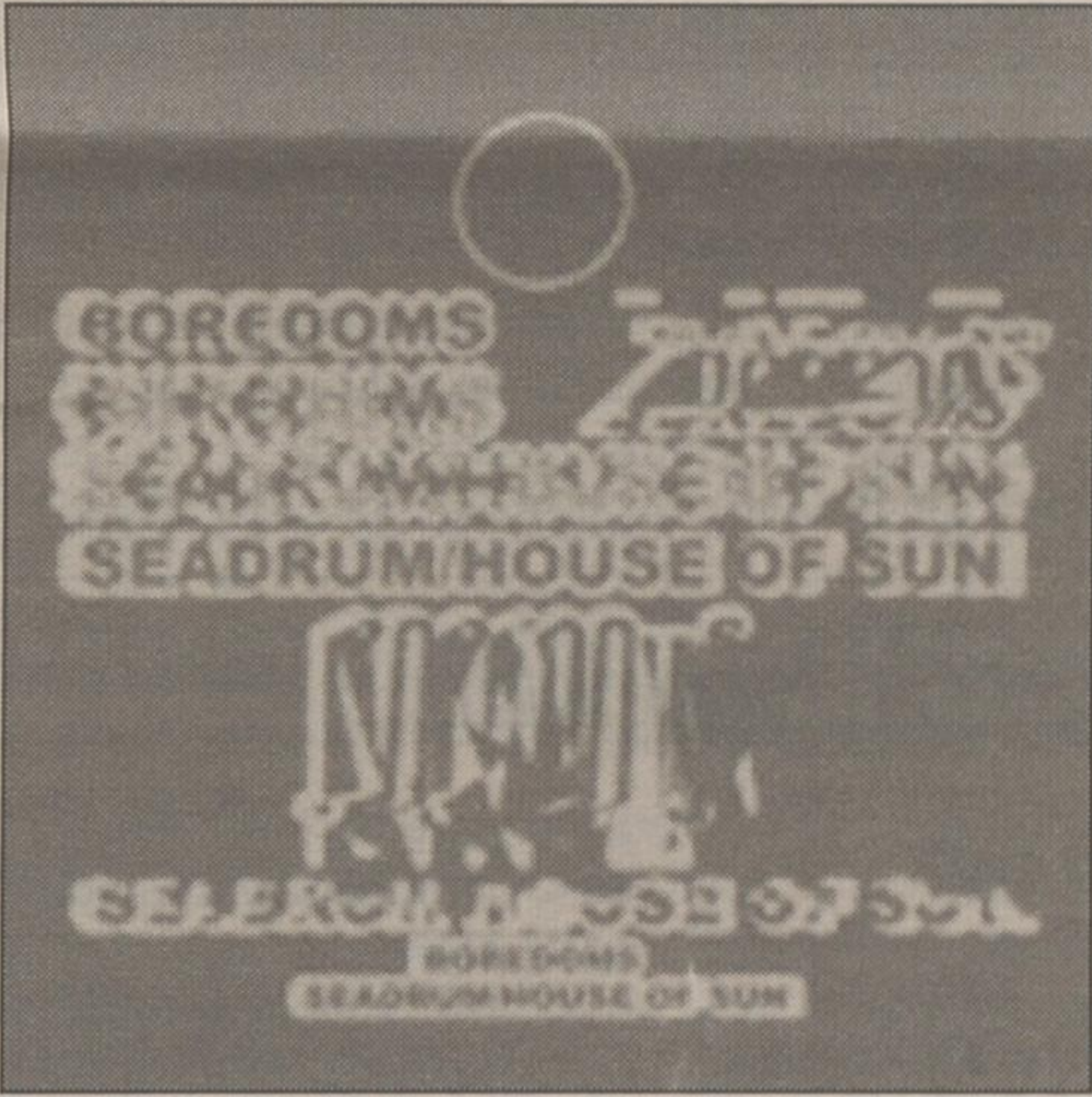
Assiste-se, actualmente, em Portugal, a uma tendência recente de olhar pelo retrovisor para um música popular de qualidade, atirada, durante anos, para uma mala no sótão. Os culpados? Uma nova ou de meia-idade vaga de músicos (e algumas editoras). Em capítulo de tributos, a música Carlos Paredes foi já alvo de transformação em “Movimentos Perpétuos”. Recentemente, “Humanos” e “Amália Revisited” – mesmo que partindo de conceitos diferentes – encarregaram-se de recordar, por um lado, e de mostrar, por outro, novos caminhos sobre a música de António Variações e de Amália Rodrigues, respectivamente.

Com “Amália Revisited” surge a oportunidade do povo que tem por hábito virar costas à melancolia do fado começar, aos poucos, a olhá-la de um modo diferente – porque, de facto, estas “homenagens-encomenda” não são nada de deitar ao lixo. Fortes possibilidades há do respeito e da credibilidade por estas figuras já imortalizadas – como necessidade houvesse de provas dar – crescerem substancialmente junto dessa fatia de melómanos desconfiada.

A colecção manifesta-se através de uma curta amostra do legado da música de Amália, tingida por outras vozes e por outros ritmos e/ou melodias. A fórmula é simples: convida-se uma série de projectos ou artistas lá dos lados das electrónicas (Bullet, Cool Hipnoise, Donna Maria e Lisbon City Records) e algumas vozes que ou são cool ou tornam o fado menos carregado (Ana Deus dos TTT, Kalaf, Melo D ou Marta Bernardes, por exemplo) para recriar fados da artista – quase sempre escolhas interessantes e poucas óbvias. Depois juntam-se uns samplers e um Sam The Kid – já requisitado e muito bem amado em “Movimentos Perpétuos” – para criar a partir do universo “amaliano” e a pasta – agradável – está pronta para ser servida.

Aos amantes do fado puro, provavelmente “Amália Revisited” pouco dirá. Àqueles que, sem preconceitos, não temem o risco de mergulhar em fado contaminado por pragas trip-hop, pop, dub, hip-hop ou soul, a nova cor de água pouco incomodará.

Tiago Pereira de Carvalho



Boredoms
“Seadrum/ House Of Sun”
Warnes Brothers Japan, 2004.

8/10

“Yoshimi battles the pink waves”

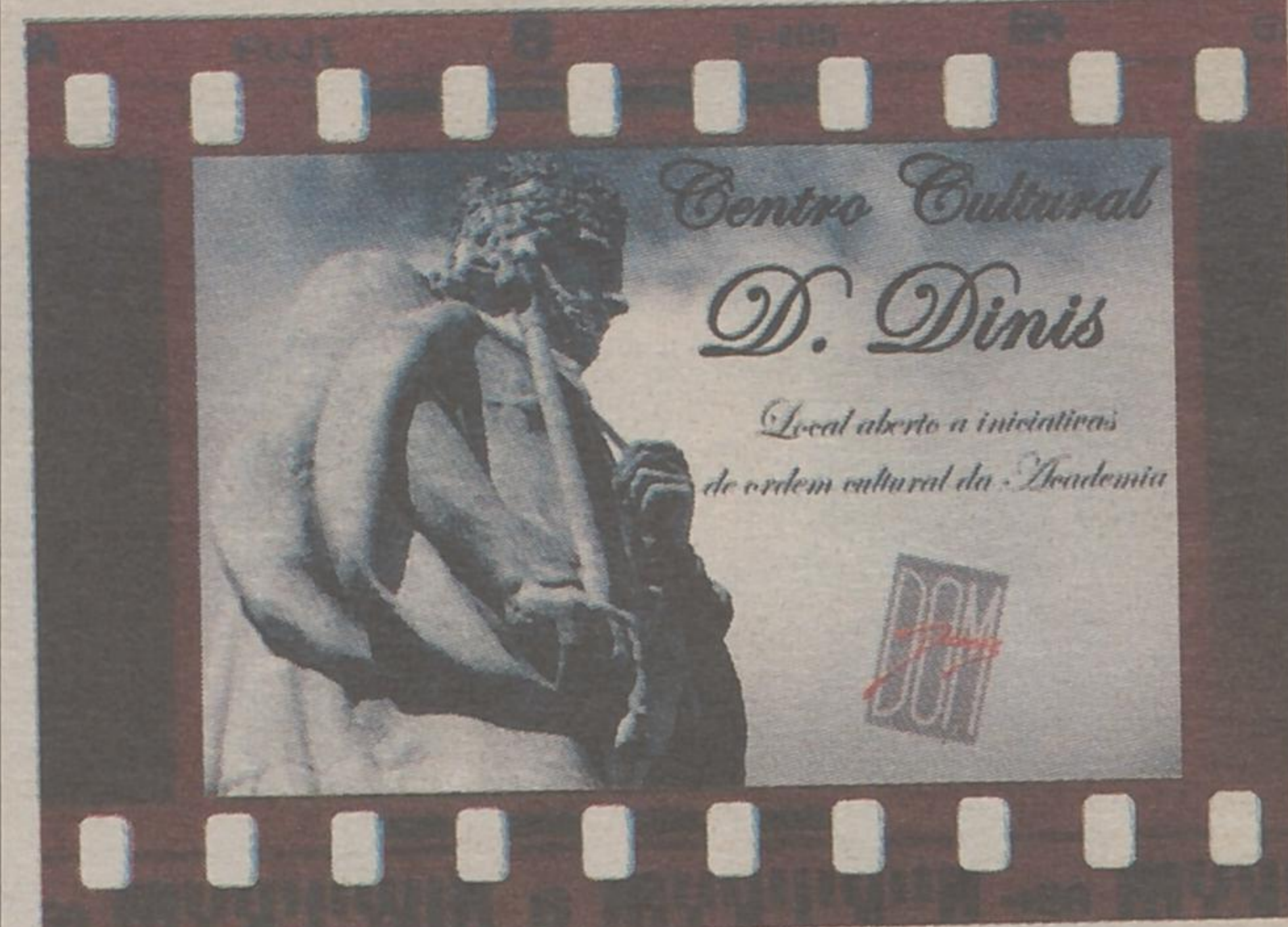
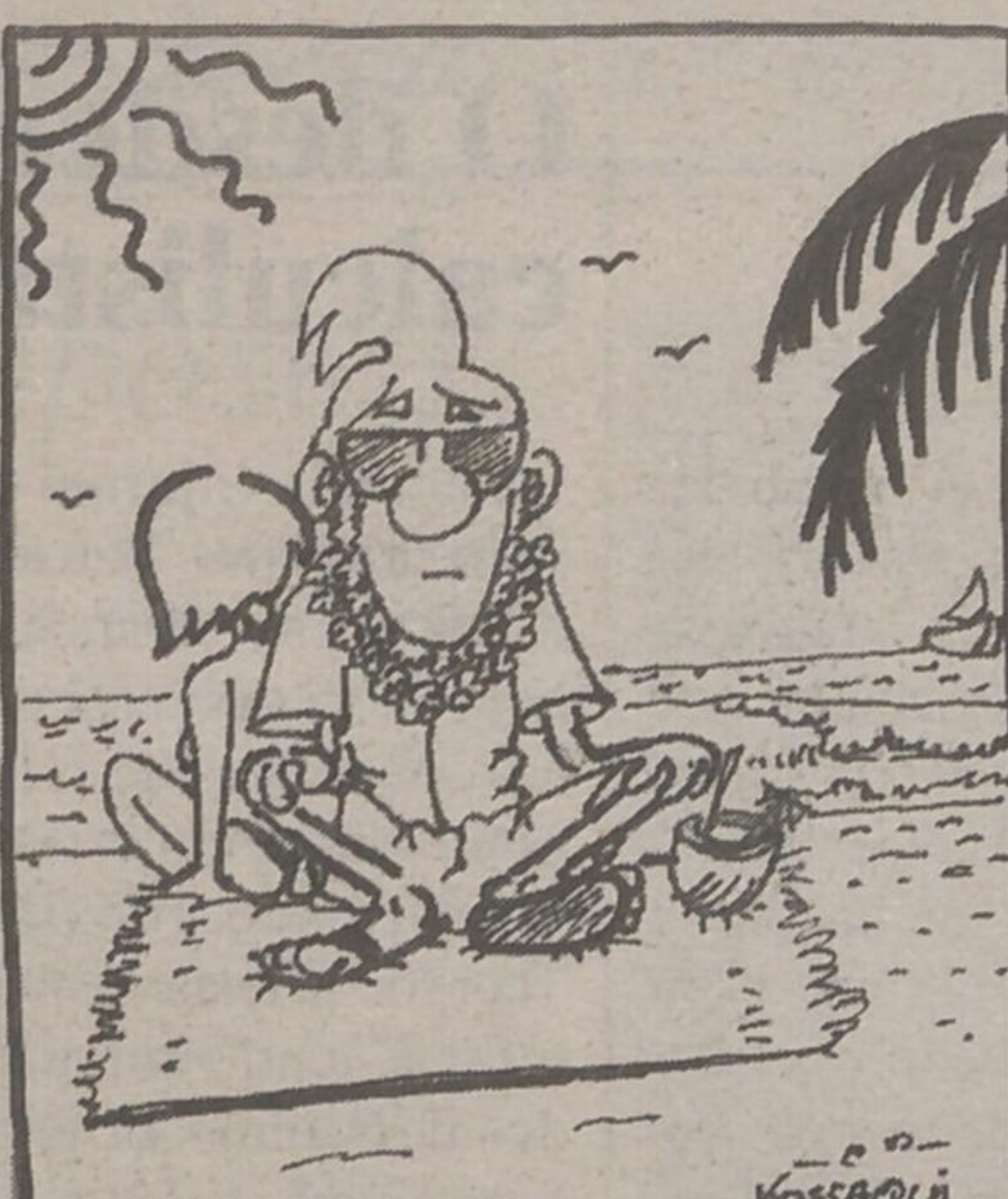
Na edição anglo-saxónica do livro “Japanese Independent Music”, publicada em 2001 pela francesa Sonore, a equipa responsável pela escrita e compilação dos textos afirma: “If someone has to know just one Japanese rock-oriented band, it will undoubtedly be the Boredoms”. Parece algo simplista que as coisas sejam colocadas nestes termos tão restritivos e intui-se que a frase deixa transparecer um certo sentido hiperbólico – tão usual nos louvores musicais de hoje em dia – mas a verdade é que não é difícil concordar com ela. Que o digam, por exemplo, os Sonic Youth ou os Nirvana.

Os Boredoms, nascidos em Kansai, Osaka, por volta de 1986, são uma mágica e instável mistura de ingenuidade, irreverência, humor, criatividade, energia, ruído e alegria, mas aprazível, insanidade – inquestionavelmente tão aborrecidos como os Tédio Boys. Durante a sua carreira mudaram de formação várias vezes. Apenas Yamataka Eye se mantém desde o início no papel de comunicador disfuncional. De incompetentes homens-espectáculo, praticantes de um rock esfafelado, pontuado por episódicas descargas de energia sob a forma de guitarras distorcidas e gritos lancinantes, transformaram-se em espirituais alquimistas do ritmo, dinamizadores de cerimónias tribais de homenagem ao Sol, rituais psicadélicos e estados transcendentais.

Este novo disco é o resultado (espera-se que parcial) de um ano a fazer gravações sui generis à beira-mar, com as baterias a serem atingidas pela água e o som das ondas a participar activamente no registo. Os microfones, para acentuar a noção de movimento, foram sendo deslocados de sítio para sítio, focalizando a sua atenção ora num músico, ora noutro.

“Seadrum”, o primeiro dos 2 temas apresentados (o disco tem no total 43 minutos), começa com a voz da baterista Yoshimi P-We e prossegue, num carrossel desenfreado, explorando ritmos kraut, efeitos electrónicos, percussões étnicas e um piano remanescente de Alice Coltrane. “House Of Sun” surge depois como uma espécie de chill-out cósmico, ao jeito da música clássica indiana, numa entrelaçada tapeçaria de sitar, guitarra e electrónica.

Enquanto aguardamos que uma onda nos traga o próximo disco desta série aquática, percebemos que o Sol não se apagou mas a Água é quem brilha agora mais forte. **Rodrigo Paulino**



Outros rumos...

Por José Manuel Camacho (texto)

outrosrumos.acabra.net

Ilha da Madeira À Laura Silva

Falácias: "A Madeira é um jardim", "a Madeira é o Jardim". Se alguém pensa que a paisagem está pintada de flores coloridas por todo o lado, está enganado. As plantinhas estão condicionadas territorialmente dentro de estufas que depois vão parar aos baldes das vendedeiras com trajes folclóricos no mercado ou numa das ruas da capital. A visão de flores endémicas faz-se mas é através de jardins de índole pessoal, públicos, no Jardim Botânico ou nas quintas, construídas pe-

los mercadores ingleses em meados do século XIX que enriqueceram com a venda do vinho. Ou seja, tudo controlado pela mão humana. De resto, o que se vê mais à beira das estradas que cortam o interior da ilha são as hortênsias, flores de cor azul.

Reduzir a identidade de um lugar ao nome de um político é estupidez. De tanto utilizar o cliché até parece que é só na Madeira que acontece ca(s)os de repetição de cargos políticos. Marco de Canavezes não é só Adelino Ferreira Torres e Braga não é só Mesquita Machado. A idiossincrasia nacional na hora de votar é que permite que eles fixem as suas raízes na terra, quais árvores centenárias. Na paisagem madeirense, o que realmente é a ilha é a floresta Laurissilva. Esta mancha verde é a floresta original da Madeira, aquela

que já aqui existia aquando da chegada dos descobridores portugueses e dos políticos. Esta designação provem do latim, Laurus (loureiro, lauráceas) e Silva (floresta, bosque).

Mais importante que Alberto João Jardim, a Laurissilva desempenha um papel muito importante na economia e no bem estar social da ilha, dado que ela é responsável pela produção, fixação e regularização da água utilizada no consumo humano e na rega dos campos. São famosas as caminhadas ao longo das levadas de água que cortam por entre os tis, os loureiros, os vinháticos ou os barbusanos ou por dentro de túneis de arestas pontiagudas, deixadas tal e qual como o dinamite e os homens escavaram.

Novo cliché: a Madeira é a Laurissilva.



Fotos privadas em espaço público

Acervo fotográfico "Uma extensão do olhar" em exposição no Centro de Artes Visuais a partir do próximo sábado

José Manuel Camacho

Enquadramentos urbanos, modalidades de auto-representação, ilustrações da natureza, vias do imaginário, a viagem como motivo ou processo, postulados de reportagem. Vão ser estas as perspectivas abordadas na exposição "Uma extensão do olhar: entre a fotografia e a imagem fotográfica - Obras da coleção da Fundação PLMJ" no Centro de Artes Visuais (CAV). Os olhares vão estender-se sobre o tra-

balho de 63 obras de outros tantos autores portugueses, pertencentes ao acervo desta instituição privada constituída pela sociedade de advogados A.M. Pereira, Sáragga Leal, Oliveira Martins, Júdice e Associados.

Tratando-se de uma coleção privada, "Uma extensão do olhar" afigura-se como um prolongamento do acto de coleccionar, tratando de partilhar com os outros o espólio juntado ao longo dos anos. A Fundação PLMJ revela-se como o mais relevante acervo particular dedicado à produção fotográfica nacional da segunda metade do século XX desenvolvido em Portugal, com especial relevo no período posterior ao 25 de Abril de 1974 e de acompanhar a actualidade. Deste modo, os protagonistas da exposição são não só figuras de primeiro plano como também nomes pertencentes às

novas gerações ou mesmo em fase de emergência. A razão para que não se mostrem autores aparecidos antes do 25 de Abril é avançada por Miguel Amado, comissário da exposição, no press release distribuído à imprensa: "Primeiro pela dificuldade de aceder ao legado de alguns deles e também pela escassez de estudos relativos a esse período que complementem a única publicação realizada acerca deste assunto, a "História de imagem fotográfica em Portugal-1839-1997" elaborada por António Sena".

A galeria do CAV vai exibir uma panorâmica tanto das práticas descritivas como dos usos plásticos da imagem fotográfica. Em termos gerais, os visitantes vão vislumbrar dois eixos de intervenção no domínio da fotografia, um inscrito nos princípios da fotografia enquanto meio de comunicação específico,

outro interessado em explorar a natureza da imagem fotográfica sustentado nas estratégias das artes visuais surgidas em meados da década de setenta.

Em termos da disposição das obras, a montagem de "Uma extensão do olhar" vai seguir esta ordem de ideias, apostando nas relações que as fotografias estabelecem entre si, independentemente da data da sua execução ou do seu suporte. Vão detectar-se obras que se relacionam a géneros convencionais como a paisagem ou o retrato; noutras vão evidenciar-se afinidades em termos de conteúdo ou forma. A intenção dos organizadores é que a associação de fotografias com intenções e propósitos tão variados resulte no nascimento de novos sentidos e significados tanto para cada uma das fotografias como para o somatório de todas elas e que atribui

também ao acto de as coleccionar uma grandeza rara.

A este propósito, Luís Amado, que escreve um ensaio no catálogo que acompanha a exposição, cita John Szarkowski: "Os coleccionadores de moedas romanas ou de pinturas impressionistas conhecem a satisfação e o desespero que advém da compreensão que o seu trabalho poderá ter chegado ao fim. Coleccionar fotografias é um tipo de procura mais arriscada, cheia de mistérios, de contradições e de aventuras inesperadas. Até as verdades eternas da fotografia são provisórias e o seu futuro é tão imprevisível como o de muitas espécies vivas".

"Uma extensão do olhar" é inaugurado no próximo sábado, pelas 22 horas, sendo as visitas possíveis de terça a domingo das 10h às 19h, com entrada gratuita. A exposição mantém-se até o dia 3 de Abril.

a coabitação de vários tempos e harmonias da música e suas sensações resulta numa simbiose do tempo em harmonia

simbiose do tempo em harmonia

Domingos, entre as 20h e as 21h na Rádio Universidade de Coimbra | 107.9 FM | www.ruc.pt

